

Comissão de Avaliação Externa do Projecto *Fazer a Ponte*

Relatório apresentado a S. Ex.^a a Secretária de
Estado da Educação

Coimbra, Junho de 2003

Índice

INTRODUÇÃO.....	2
1. CONTEXTO E OBJECTIVOS DA CONSTITUIÇÃO DA COMISSÃO DE AVALIAÇÃO EXTERNA (CAE) DO PROJECTO "FAZER A PONTE"	2
2. METODOLOGIA	3
3. ESTRUTURA DO RELATÓRIO	5
<u>1. A ESCOLA EBI DAS AVES/S. TOMÉ DE NEGRELOS</u>	<u>5</u>
1.1. ESTRUTURA FÍSICA E ORGANIZACIONAL	5
1.2. ESTRUTURA SOCIAL E CULTURAL	8
<u>2. O PROJECTO FAZER A PONTE.....</u>	<u>17</u>
2.1. PRESSUPOSTOS E OBJECTIVOS	17
2.2. ASPECTOS ORGANIZATIVOS	20
2.3.-ASPECTOS CURRICULARES E PEDAGÓGICOS	22
<u>3. A VISITA À EBI DAS AVES/S. TOMÉ DE NEGRELOS</u>	<u>28</u>
3.1. PREPARAÇÃO E PROPOSTA DE PROGRAMA	28
3.2. O DESENVOLVER DA VISITA	29
<u>4. OS RESULTADOS OBTIDOS NAS PROVAS NACIONAIS DE AFERIÇÃO DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO E O PERCURSO ESCOLAR DOS ANTIGOS ALUNOS DA MESMA ESCOLA NOS 5º E 6º ANOS DE ESCOLARIDADE.....</u>	<u>36</u>
4.1. OS RESULTADOS OBTIDOS NAS PROVAS NACIONAIS DE AFERIÇÃO DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO PELOS ALUNOS DA EBI DAS AVES/S. TOMÉ DE NEGRELOS	36
4.1.1. CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS	36
4.1.2. COMPARAÇÃO ENTRE OS RESULTADOS OBTIDOS PELOS ALUNOS DA EBI DAS AVES/S. TOMÉ DE NEGRELOS NAS PROVAS NACIONAIS DE AFERIÇÃO DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO E OS RESULTADOS OBTIDOS AOS NÍVEIS REGIONAL E NACIONAL	39
4.2. O PERCURSO ESCOLAR DOS ANTIGOS ALUNOS DA EBI DAS AVES/S. TOMÉ DE NEGRELOS NOS 5º E 6º ANOS DE ESCOLARIDADE	41
4.2.1. INTRODUÇÃO.....	41
4.2.2. ANÁLISE ESTATÍSTICA DO TRAJECTO ESCOLAR DOS ANTIGOS ALUNOS DA EBI DAS AVES/S. TOMÉ DE NEGRELOS DE 1991 A 2001.....	42
<u>5. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....</u>	<u>44</u>
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	49
ANEXOS.....	51

Introdução

1. Contexto e objectivos da constituição da Comissão de Avaliação Externa (CAE) do Projecto "Fazer a Ponte"

Na sequência da Informação/Proposta da Direcção Regional de Educação do Norte nº1/DRA/HR/2002, a Senhora Secretária de Estado da Educação, Prof.^a Mariana Torres Cascais, por Despacho Interno de 26 de Março de 2003, deliberou a celebração de um protocolo a contratualizar com a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra “tendo em vista a elaboração de um estudo de avaliação do projecto educativo da Escola Básica Integrada das Aves/S. Tomé de Negrelos”.

Nos termos do supramencionado Despacho, a avaliação externa do referido projecto deveria contemplar “o estudo de aspectos pedagógicos, curriculares, organizacionais e de gestão” da supramencionada Escola Básica Integrada (EBI) das Aves/S. Tomé de Negrelos, cabendo a coordenação da equipa da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra ao Prof. Nicolau Vasconcelos Raposo.

De acordo com o referido Despacho, o coordenador convidou as Doutoradas Maria da Graça Bidarra, Professora Associada, e Ana Paula Couceiro Figueira, Professora Auxiliar, da supramencionada Faculdade, para integrarem a CAE.

Por outro lado, em conformidade com o contrato de prestação de serviços estabelecido entre a Secretaria de Estado da Educação e a Universidade de Coimbra, a CAE assumia o compromisso de concluir o Relatório de Avaliação até ao dia 16 de Junho de 2003¹.

A CAE iniciou os seus trabalhos no dia 2 de Abril do ano corrente com a realização de uma reunião na Secretaria de Estado da Educação, presidida pela Senhora Secretária de Estado da Educação e na qual estiveram, também, presentes o Chefe de Gabinete da Secretária de Estado, Dr. João Almeida, a Directora Regional Adjunta de Educação do Norte, Dra. Helena Roque, e a Dra. Luísa Nunes do Departamento da Educação Básica.

¹ Devido à volumosa massa documental a consultar, este prazo inicial foi prorrogado, com acordo da Senhora Secretária de Estado, por mais quatro dias.

Na referida reunião, foram prestados esclarecimentos sobre os objectivos atribuídos à CAE, nomeadamente quanto à análise dos aspectos "pedagógicos, curriculares, organizacionais e de gestão" da EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos, assim como sobre a situação complexa na mesma vivida na sequência da transformação da ex-Escola da Ponte nº1 (Escola Básica do 1º Ciclo) na actual EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos. Foi, também, disponibilizada documentação pertinente para os trabalhos da Comissão.

Por seu turno, a CAE informou a Senhora Secretária de Estado do empenhamento com que iria desenvolver os seus trabalhos, procurando corresponder à confiança nela depositada no quadro da missão que lhe tinha sido atribuída e contribuir para que o Relatório a elaborar fosse susceptível de servir de quadro de referência para a tomada de decisão sobre a matéria por parte do Ministério da Educação.

2. Metodologia

No estabelecimento da metodologia a seguir nos seus trabalhos, a CAE entendeu indispensável recorrer aos seguintes meios:

- Análise documental, quer de documentos internos elaborados pelo coordenador do Projecto "Fazer a Ponte., ou pela equipa docente da EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos, quer de estudos, nomeadamente dissertações de mestrado e outros trabalhos de natureza académica, susceptíveis de fornecerem elementos de informação sobre o desenvolvimento do referido projecto, bem como da documentação disponibilizada pela Secretaria de Estado da Educação e pela Direcção Regional de Educação do Norte (DREN);

- Reuniões com a DREN, bem como com os órgãos de gestão da EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos;

- Observação das actividades desenvolvidas na EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos no decurso da visita que viria a efectuar-se nos dias 28, 29 e 30 de Maio;

- Consulta dos resultados das provas nacionais de aferição do Ensino Básico realizadas pelos alunos do 1º Ciclo nas disciplinas de Língua Portuguesa e de Matemática em 2000 e em 2001 de modo a comparar as médias obtidas pelos alunos da EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos com as médias aos níveis regional e nacional;

- Análise do percurso escolar dos alunos que frequentaram a ex-Escola da Ponte nº1 e que, entre 1991 e 2001, prosseguiram estudos na EB2/3 das Aves.

A CAE entende, por outro lado, esclarecer, no âmbito da Introdução ao seu Relatório, que a metodologia adoptada foi a que considerou mais adequada para levar a cabo a missão que lhe fora atribuída.

Não desconhecendo que o tempo útil – aproximadamente dois meses e meio – de que dispôs para desenvolver os seus trabalhos se afigurou extremamente curto, procurou compensar com a diversidade de metodologias utilizadas essa considerável limitação, o que, aliás, está de acordo com o que é preconizado por vários modelos de avaliação (Ruiz, 1996; Weiss, 1998).

Considera, por outro lado, embora esta constatação pouca relevância assuma no contexto da sua actuação, que a situação mais indicada para analisar o projecto “Fazer a Ponte” teria sido o acompanhamento, com duração pelo menos anual, das actividades escolares desenvolvidas na EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos.

A premência da situação criada no seguimento da criação da EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos e a necessidade de tomada de decisões, por parte do Ministério da Educação, relativamente ao Projecto "Fazer a Ponte" e ao futuro do Agrupamento Horizontal Aves/S. Tomé de Negrelos não permitiam, obviamente, à CAE adoptar outra metodologia.

A CAE entende, ainda, antecipando eventuais reparos, que assumiu os riscos inerentes a um processo avaliativo cuja dificuldade se antevia elevada, com a consciência de poder contribuir, no plano específico da sua intervenção, para que a decisão relativa à matéria em análise tivesse a sustentá-la uma informação objectiva e fundamentada, tanto mais que era de instabilidade a situação vivida na EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos.

Quanto à natureza que a caracteriza, a avaliação realizada aproxima-se de um modelo criterial, ou seja, "interessa-se pelos resultados obtidos critério por critério, em função dos dados da situação e das finalidades perseguidas" (Figari, 1996, p. 123).

3. Estrutura do Relatório

O presente Relatório está organizado em cinco capítulos.

No capítulo 1, procede-se à caracterização da EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos sendo abordada a respectiva estrutura física e organizacional, social e cultural. São, também, apresentados dados relativos à equipa docente, bem como à Associação de Pais da Escola.

A caracterização do Projecto "Fazer a Ponte", os seus pressupostos e objectivos, bem como os aspectos organizativos, curriculares e pedagógicos, constitui o objecto do capítulo 2.

A preparação da visita à EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos e o respectivo desenrolar preenchem o capítulo 3.

No capítulo 4, são apresentados os resultados obtidos pelos alunos da EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos nas provas nacionais de aferição do 1º Ciclo, assim como o percurso escolar dos antigos alunos da mesma Escola nos 5º e 6º anos de escolaridade.

Por último, o capítulo 5 contém as conclusões e recomendações da CAE.

1. A Escola EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos

1.1. Estrutura física e organizacional

A Escola Básica Integrada das Aves/S. Tomé de Negrelos foi criada em 2001 (Portaria n01046-A/2001, de 21 de Agosto), em regime de experiência pedagógica, a partir do Agrupamento de Escolas de Aves/S. Tomé de Negrelos, e está sediada nas instalações da Escola do 1º CEB da Ponte nº1, situando-se no centro da Vila das Aves, no concelho de Santo Tirso.

A criação da EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos resultou da transformação da Escola do 1º CEB da Ponte nº1, cujo historial e identidade constituem uma referência pelo desenvolvimento de um projecto iniciado em 1976, intitulado "Fazer a Ponte", no reconhecimento da necessidade de garantir a sua sequencialidade. A legitimidade pedagógica, administrativa e política da criação da

EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos radica, pois, neste projecto educativo, sendo a experiência do 2º Ciclo de apenas dois anos.

As EBI's constituem uma entidade criada pela LBSE, correspondendo a uma dinâmica reorganizativa, de acordo com o alargamento da escolaridade obrigatória para nove anos, reforçando a identidade institucional do Ensino Básico. Admitindo várias tipologias (Despacho 33/ME/91, de 8 de Março), as EBI's remetem para um modelo organizacional próprio, de acordo com as características intrínsecas do Ensino Básico e as características de organização e desenvolvimento curricular da Escola Básica, assente em processos de acção de participação e de autonomia (Pires, 1993).

As EBI's existem porque existem projectos curriculares integrados, o que implica, entre outros aspectos, um novo conceito de escola -a escola comunidade educativa-, a clarificação das finalidades do sentido básico, uma nova postura curricular dos professores e uma nova organização de escola. A integração curricular é mesmo a mais importante das vertentes das EBI's, que utiliza como instrumentos as outras vertentes, nomeadamente, a nível da direcção e gestão. A criação da EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos constituiu a solução orgânica estrutural para o elemento dinâmico ou instrumento de acção constituído pelo projecto "Fazer a Ponte".

A EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos é gerida por uma Comissão Executiva Instaladora (CI), constituída por um Presidente, uma Vice-Presidente e uma Secretária, recorrendo ao destacamento de professores, sob proposta deste órgão de gestão, autorizada pela DREN.

A criação da EBI, posição adoptada pelo ME, abriu expectativas de extensão do projecto ao 2º e 3º Ciclos, na comunidade educativa, pais, professores e alunos, uma vez que estas escolas envolvem, de forma integrada, os nove anos de escolaridade obrigatória (paradigma de referência). Para além da extensão em termos de ciclos e anos de escolaridade, a criação da EBI envolveu também uma extensão da base de recrutamento, abrangendo potencialmente crianças de todas as escolas do Agrupamento e não apenas aquelas que tinham concluído o primeiro ciclo na ex-Escola da Ponte nº1.

Na sua estrutura física, a Escola apresenta espaços diversificados. Existe um edifício de área aberta tipo P3, constituído por dois pisos (cf. Fig. 1), com duas salas cada um, ligadas por um núcleo comum, funcionando, no piso de entrada, a sala de iniciação, João de Deus (para os alunos que frequentam pela 1ª vez a Escola), e a sala de transição (para os alunos que, não tendo iniciado a sua

escolaridade nesta Escola, necessitam de adquirir alguns hábitos de trabalho para passarem ao plano de desenvolvimento), sendo igualmente utilizada como sala de aulas directas. Existe, ainda, neste piso, um espaço polivalente, que funciona como refeitório e sala de reuniões da Assembleia de Escola (Fig. 2), uma pequena sala de professores, cozinha, espaços para arrecadação (equipamento e outros aprovisionamentos) e instalações sanitárias para crianças e adultos. No andar superior, encontramos a sala das Expressões, da Educação Artística e Tecnológica (Fig. 8) e instalações sanitárias para as crianças de ambos os sexos.

A este edifício foram acrescentados em fases distintas, dois pavilhões pré-fabricados, designados por Pavilhão Rubem Alves (Fig. 5) e Pavilhão António Gedeão (Fig. 6 e 7), onde funcionam, respectivamente, as áreas de Línguas e Estudos Sociais e as de Matemática e Ciências da Natureza. Os serviços administrativos e o gabinete da Comissão Instaladora funcionam num espaço contíguo ao Pavilhão Rubem Alves (Fig. 3). A área envolvente, não coberta, é constituída por um campo de jogos (Fig. 4), onde se realizam os recreios e outras actividades ao ar livre, e por uma zona ajardinada/arborizada. O recinto da Escola tem um gradeamento e a entrada faz-se por um portão largo em frente do edifício principal. Existe uma área residencial limítrofe à Escola e um jardim situado nas proximidades.

Nos vários espaços da Escola existe bom equipamento informático (*hardware e software*), com ligação à Internet, e bibliográfico, materiais diversos e equipamento de laboratório e de experiências, de acordo com as aprendizagens que neles se realizam. A informação existe por todo o lado e num acesso fácil a qualquer criança ou adulto. Existe um ambiente de cor e música adequado e propício às aprendizagens.

O horário de funcionamento actual é o de regime normal e, apesar das limitações do espaço físico para o número actual de professores e alunos desta Escola, estas são de alguma forma ultrapassadas pelo modo de gestão e de organização dos espaços e tempos de aprendizagem. A organização dos espaços revela-se adequada ao modelo pedagógico que é desenvolvido e que apresenta algumas analogias com aquele que esteve na base da construção, nos finais da década de sessenta, das escolas tipo P3, escola de área aberta, que inovaram o parque de escolas do então Ensino Primário, mas que nem sempre se revelaram ajustadas às práticas pedagógicas e à cultura de ensino dominantes.

É um facto que, genericamente, os espaços proporcionados pelas escolas tipo P3 privilegiam a comunicação, libertam a criança da rigidez de espaços e mobiliários tradicionais, encorajando, fundamentalmente, as relações entre os alunos e entre estes e os educadores, mobilizando,

igualmente, os professores para o trabalho em equipa. Esta configuração do espaço facilita a adaptação da organização escolar às diferenças individuais e à contínua aquisição de conhecimentos; permite os reagrupamentos funcionais de alunos; estimula nas crianças a multiplicação dos contactos pessoais e, por conseguinte, a sociabilização; facilita diferentes tipos de didáctica e pedagogia, favorecendo, igualmente, todas as formas de trabalho dos alunos (individual, em grupo e actividades livres). É, igualmente, concebido como um equipamento social de e para toda a comunidade (cf. Escola Básica do 1º Ciclo da Ponte, 2001).

Com efeito, projecto e edifício educativos interpelam-se reciprocamente. O espaço pode ter potencialidades ou limitações em função das concepções e práticas pedagógicas que aí se desenvolvem. No caso em apreço, esta configuração do espaço físico, escola tipo P3 de área aberta, permitiu condições de desenvolvimento ao trabalho participativo e democrático em área aberta, iniciado na anterior Escola, em 1976, tendo sido proposta pelos próprios professores (cf. Escola Básica do 1º Ciclo da Ponte, 2001). Hoje, de novo, existem expectativas de novas e adequadas instalações, de acordo com a recente criação da EBI e as características pedagógicas do projecto que a legitima.

1.2. Estrutura social e cultural

Os alunos que frequentam a EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos constituem um total de 195, 104 do sexo feminino e 91 do sexo masculino, que embora não estejam organizados por anos, poderão corresponder à distribuição do Quadro 1, de acordo com os dados fornecidos pela Comissão Instaladora:

Quadro 1 – Distribuição dos alunos da EBI de Aves/S. Tomé de Negrelos por sexo e nível de escolaridade				
Nível de Escolaridade	Sexo		Total	
	Masculino	Feminino	N	%
Ano 1	16(1)	17(1)	33	16.9
Ano 2	16(2)	9(2)	25	12.8
Ano 3	17(4)	12(1)	29	14.9
Ano 4	14(5)	23(8)	37	19.0
Ano 5	10(2)	11(2)	21	10.8
Ano 6	18(7)	32(5)	50	25.6
Total	N	91(21)	104(19)	195
	%	46.7	53.3	100.0

Nota: Entre parêntesis indica-se o número de alunos com necessidades educativas especiais

Fonte: Documentação fornecida pela CI da EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos

A análise destes dados revela-nos que 40 alunos (20%) são sinalizados como crianças com necessidades educativas especiais, sendo cinco destas acolhidas por IPSS' s (Anexo 1). Foi-nos confirmado pela Comissão Instaladora que esta Escola é procurada por um número significativo de crianças com características especiais e/ou insucesso, que não residem na área de influência deste estabelecimento de ensino, muitas vezes vindas já de outras escolas, a pedido dos pais e por indicação de instituições e profissionais, dada a diversidade de respostas que oferece, no reconhecimento da especificidade dos alunos, de acordo com um conceito e uma prática de escola inclusiva.

Saliente-se a atenção individualizada que é dada aos alunos, proporcionada pela rácio professor/aluno, e a constante monitorização dos processos e percursos de todos os alunos. No entanto, esta Escola debate-se com a ausência de um Serviço de Psicologia e Orientação, que não existe para as demais escolas da Vila das Aves, e que constitui uma das suas solicitações para uma avaliação e melhoria da resposta educativa.

Um levantamento das habilitações literárias dos pais dos alunos/encarregados de educação, que frequentam actualmente esta Escola, num total de 195 alunos, em que cinco crianças não vivem com os pais, tendo sido acolhidas por uma IPSS, revela que 113 (59.5%) dos pais/encarregados de educação não completaram nove anos de escolaridade, sendo as suas habilitações literárias as

Relatório da Comissão de Avaliação Externa

correspondentes à antiga escolaridade obrigatória de há décadas atrás, designadamente quatro e seis anos de escolaridade (cf. Quadro 2). As habilitações literárias são inferiores à antiga 4ª classe para 38.4% dos encarregados de educação e apenas 10.5% têm habilitações superiores ao 12º ano (bacharelato, licenciatura e pós-graduação), situando-se os restantes 51.1% entre aqueles níveis de ensino. Cerca de 19% apresenta uma escolaridade ao nível do ensino secundário, com probabilidade de assumir profissões de quadros médios.

Quadro 2 – Habilitações literárias dos encarregados de educação dos alunos da EBI de Aves/S. Tomé de Negrelos (frequências e percentagens)			
	Frequência	Percentagem	Percentagem Acumulada
Não sabe ler nem escrever	1	,5	,5
Sabe ler e escrever sem possuir a 4ª classe	4	2,1	2,6
4ª classe (1º Ciclo do Ensino Básico)	68	35,8	38,4
5º ano de escolaridade	3	1,6	40,0
6º ano de escolaridade (2º Ciclo do EB/2º ano do Ciclo Preparatório)	35	18,4	58,4
7º de escolaridade	2	1,1	59,5
9º ano de escolaridade (3º Ciclo do EB/5º ano dos Liceus)	21	11,1	70,5
10º ano de escolaridade	2	1,1	71,6
11º ano de escolaridade (7º ano dos Liceus)	8	4,2	75,8
12º ano de escolaridade (Ensino Secundário)	26	13,7	89,5
Bacharelato	8	4,2	93,7
Licenciatura	10	5,3	98,9
Mestrado	1	,5	99,5
Doutoramento	1	,5	100,0
Total	190	100,0	

Fonte: Documentação fornecida pela CI da EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos

Quanto às profissões exercidas pelos encarregados de educação, a sua distribuição revela (cf. Quadro 3) que 40.5% são Trabalhadores Especializados (operários do sector têxtil e da construção civil; cf. Anexo 1), seguido de um número significativo de pequenos proprietários (17.9%) e empregados dos serviços, comércio e administrativos (11.6%). O número de quadros médios e superiores (19) é idêntico ao número de desempregados (17) (cf. Anexo 1). Existe uma percentagem de 19.9% ligada a profissões liberais, intelectuais, quadros dirigentes, técnicos especializados e empresários, com um nível de instrução igual ou superior ao 11º ano (antigo 7º ano).

Quadro 3 – Grupos ocupacionais dos encarregados de educação dos alunos da EBI de Aves/S. Tomé de Negrelos (frequências e percentagens)		
	Frequência	Percentagem
Quadros médios e superiores	19	10,0
Técnicos especializados e pequenos proprietários	34	17,9
Empregados dos Serviços/Comércio/Administrativos	22	11,6
Trabalhadores Qualificados/Especializados	77	40,5
Trabalhadores não Qualificados/ Não Especializados	16	8,4
Não activos (Desempregados e reformados)	19	10,0
Domésticas	3	1,6
Total	190	100,0

Fonte: Documentação fornecida pela CI da EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos

Uma análise das habilitações literárias e das ocupações dos encarregados de educação leva-nos a concluir que esta Escola é actualmente frequentada por alunos oriundos de diversos grupos sociais, revelando-se uma população heterogénea. Estamos longe de poder afirmar que se trata de uma escola elitista, para filhos de pais ricos ou escolarizados, tal como surge nos argumentos daqueles que contestam o projecto Fazer a Ponte (cf. Informação/Proposta nº1/DRNHR/2002 DREN).

A equipa docente é constituída por quatro educadoras de infância e 23 professores, sendo nove do 1º Ciclo, quatro do 2º Ciclo, cinco do 2º/3º Ciclos, um do 3ºCiclo/ES e quatro do Ensino Secundário (cf. Anexo 2).

Relatório da Comissão de Avaliação Externa

A rácio professor/aluno é de 1 para 7.2. À excepção dos membros da CI (Presidente, Vice-Presidente e Secretária), todos os restantes membros são professores tutores, exercendo seis destes funções de coordenação, designadamente: coordenador do projecto, coordenadora da Equipa, coordenadora do Espaço João de Deus, coordenador do Pavilhão Rubem Alves, coordenador do Pavilhão António Gedeão e coordenadora da Área das Expressões (cf. Anexo 2).

Dos 27 docentes, nove leccionam nesta Escola há mais de dois anos, enquanto 11 leccionam apenas há um ano e sete exercem serviço há dois anos. Dos 11 professores que leccionam pela 1º vez na EBI, à excepção de dois que são do 1º Ciclo e de dois que são do Ensino Secundário, dos restantes sete, dois são do 2º Ciclo, quatro são do 2º /3º Ciclo e um é do 3º Ciclo.

Regista-se a existência de um investimento claro no recrutamento de professores para o 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico, desde a criação da EBI, reforçado no último ano (cf. Anexo 2).

A média de anos de leccionação na EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos para os 27 docentes é de 4.00, sendo o desvio-padrão de 5.50.

No Quadro 4, indica-se a experiência profissional dos 27 docentes (à data de 31/08/02). A média de anos de serviço é de 14.04, sendo o desvio-padrão de 8.81.

Quadro 4 – Nº de anos de serviço dos docentes da EBI de Aves/S. Tomás de Negrelos			
Anos	Frequência	Porcentagem	Porcentagem acumulada
0	1	3,7	3,7
1	1	3,7	7,4
2	1	3,7	11,1
4	1	3,7	14,8
5	2	7,4	22,2
6	1	3,7	25,9
9	1	3,7	29,6
10	1	3,7	33,3
11	2	7,4	40,7
12	2	7,4	48,1
13	2	7,4	55,6
14	1	3,7	59,3
15	1	3,7	63,0
16	2	7,4	70,4
20	1	3,7	74,1
24	1	3,7	77,8
26	4	14,8	92,6
27	1	3,7	96,3
29	1	3,7	100,0
Total	27	100,0	

Fonte: Documentação fornecida pela CI da EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos

Se tomarmos como critério de agregação dos dados do Quadro 4 os períodos adoptados no modelo de Huberman (1989) sobre as fases do desenvolvimento da carreira dos professores, verificamos que 14 (51.9%) dos docentes têm um número de anos de serviço compreendido entre 7 e 26 anos, três situam-se entre 1-3 anos, quatro situam-se entre os 4-6 anos e seis situam-se entre os 25-35 anos de carreira. Ou seja, podemos dizer que a maioria dos professores desta Escola se encontra numa fase caracterizada pela *diversificação/activismo versus questionamento*, o que pode explicar as escolhas destes professores, a forte motivação, o empenhamento e o entusiasmo para trabalharem no quadro de um projecto com características que o distinguem de grande parte das vivências e das

rotinas da escola corrente onde antes leccionaram, apesar das exigências que o mesmo comporta. Estas observações foram confirmadas pelos dados da entrevista de grupo com a equipa docente (cf. ponto 3.2 do presente Relatório).

Dos 27 docentes que constituem a equipa, 15 são licenciados nas mais diversas áreas (Direito, Administração Escolar, Ciências da Educação, Ciências Religiosas, Ciências Históricas, Pintura/Escultura, Comunicação Educacional, Línguas e Literaturas, licenciaturas em Ensino de Física-Química, Matemática, Biologia e Geologia, Educação Visual e Tecnológica e Educação Física), três têm o grau de mestre em Ensino da Matemática, Educação da Criança e Administração da Educação e Análise Social, respectivamente pelas Universidades do Porto e Aveiro, dois têm o bacharelato em Educação de Infância, seis têm o Curso do Magistério Primário e um tem um DESE em Administração Escolar e Direcção Pedagógica.

A equipa é, pois, constituída por elementos com uma formação diversificada, que garante a especialização nas várias áreas de ensino, não existindo o regime de monodocência, ou o ensino por disciplinas, mas um trabalho de colaboração contínuo entre professores, possibilitado por espaços de área aberta e por uma planificação colaborativa. Existem em média cinco professores em cada uma das salas ou pavilhões. Ao mesmo tempo que é assegurada a especialização nas diferentes áreas do saber, é proporcionado um contacto dos alunos com os diferentes professores em função dos projectos e planos de aprendizagem, trabalhando-se no sentido da articulação das diferentes áreas do conhecimento, na procura da realização de uma certa interdisciplinaridade.

A equipa reúne semanalmente para debater problemas da Escola, sendo constatável a existência de uma cultura de ensino que se afasta simultaneamente do individualismo e da colegialidade artificial, aproximando-se de uma cultura de colaboração espontânea, que não é ditada administrativamente (Feiman-Nemser & Floden, 1986; Hargreaves, 1994).

Reconhecemos o mérito a cada uma das individualidades (educadores), é de realçar a liderança exercida pelo coordenador do projecto, definida nos seguintes termos: "A condução do projecto é sempre colegial, mas existe uma coordenação, quer no plano organizacional, quer no pedagógico. O coordenador beneficia da aceitação generalizada dos restantes professores. Porém, dever-se-á sublinhar o carácter precário desta representatividade. O coordenador age como agregador de vontades e não como dirigente. Exerce uma coordenação outorgada" (cf. Escola Básica do 1º Ciclo da Ponte, 2001, p. 59).

A formação contínua realiza-se, em grande medida, partindo dos problemas que emergem das suas práticas, partilhando a análise das dificuldades encontradas e, mobilizando os saberes no grupo: "O objectivo de toda a formação não é adquirir conhecimento, mas sim adquirir a capacidade de adquirir conhecimentos. A formação entendida como processo complexo de apropriação crítica e criativa de elementos científicos, culturais e técnicos implica a descentração do sujeito-agente de formação e a compreensão das inter-subjectividades, solidariedades e autonomias vividas na resolução de problemas comuns. (cf. Escola Básica do 1º Ciclo da Ponte, 2001, p. 84). Deste modo, "Existe na EBI um projecto contextualizado onde diariamente cada elemento da equipa partilha o que sabe mas também o que é, numa construção colectiva de escola - (cf. Escola Básica do 1º Ciclo da Ponte, 2001, p. 23). Igualmente, os professores vêm no trabalho de equipa um trabalho difícil, mas, também, vêm na equipa uma célula de coesão e de co-responsabilização, que ajuda a conduzir e a manter o projecto." (cf. Escola Básica do 1º Ciclo da Ponte, 2001, p. 23).

Entre os paradigmas da formação contínua, podemos aproximar esta prática de formação da perspectiva da resolução de problemas, sendo a fonte justificativa da formação e a sua credibilidade intrínsecas à escola, exigindo a participação colectiva, afastando-se de práticas formativas escolarizadas (Eraut, 1987). Saliente-se que esta Escola assume algum pioneirismo em matéria de auto-formação, desenvolvendo-se em círculos de estudo, tendo sido criada, em 1991, uma Associação de Professores que foi a primeira a ser acreditada como Centro de Formação (Araújo, 1999).

O carácter pioneiro desta Escola estende-se à existência de Associação de Pais desde 1977 (Araújo, 1999), assumindo esta o estatuto de parceiro no Projecto Educativo "Fazer a Ponte", desenvolvendo um forte sentimento de pertença à escola.

Os membros actuais da Associação de Pais organizam-se por grupos de trabalho, relacionados com as instalações e obras, angariação de fundos, organização das actividades de participação na Escola e de projectos sobre a sua imagem, estando em elaboração a produção de um DVD e um Anuário. Embora não tenham esgotado todas as formas de participação, mantêm-na a diversos níveis, da participação na decisão à sua implementação ou execução.

A Associação de Pais constitui, actualmente, um recurso importante na organização e manutenção de serviços e actividades, tais como o refeitório, os tempos livres, as colónias de férias, suportando os custos do aluguer do ginásio localizado nas imediações da Escola, para a prática de actividades de educação física.

Se é reconhecido aos pais o direito de escolherem o Projecto Educativo para os seus filhos, podemos afirmar inequivocamente que estes pais escolheram conscientemente este, valorizando as suas características distintivas, como a forte componente da educação na cidadania. Consideram-se pais mais observadores, mais atentos, tendo sido formados pela escola dos filhos (cf. dados da entrevista de grupo, ponto 3.2, do presente Relatório).

O jornal escolar *Dia-a-Dia* constitui um dos elementos de ligação entre a escola e a família, fazendo circular informação sobre as experiências e projectos desenvolvidos pelos diferentes elementos da comunidade educativa. A relação com a comunidade mais alargada existe através da participação em diversas iniciativas, mas é hoje perturbada por lutas bairristas e de política partidária, que retiraram esta Escola do lugar que em tempos terá assumido como centro da Vila, como é possível constatar pela imprensa local.

A EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos tem estado envolvida em vários projectos/programas (Ciência Viva, Nónio-XXI, Eco-Escolas, Boa Esperança/Boas Práticas), tendo sido distinguida com alguns prémios e ocupando um lugar de certo destaque na comunidade científica, pelo número de trabalhos e publicações que a tomam como objecto de estudo, estabelecendo protocolos de colaboração com várias instituições de Ensino Superior e centros de formação de professores (cf. Escola Básica do 1º Ciclo da Ponte, 2001). Se uma das características da ecologia das escolas é a sua grande visibilidade pública, acompanhada da escassez de recursos, nesta Escola ela está, particularmente, presente.

Por tudo o que foi dito, podemos referir que a imagem ou metáfora que melhor define a organização e o funcionamento desta Escola é a da democracia, no sentido de comunidade educativa, assente na participação, descentralização e colaboração concretizando na prática um discurso presente na Lei de Bases ao Sistema Educativo, e da escola como cultura, cuja identidade é fortemente afirmada pelo seu Projecto "Fazer a Ponte" que convoca todos os actores desta comunidade, pais, professores e alunos. Neste sentido, pode afirmar-se que a organização e o funcionamento desta Escola afastam-se quer das imagens da escola como empresa/burocracia, quer da de anarquia e arena política (Costa, 1996).

A EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos tem/é uma cultura própria, uma ideologia específica, fazendo sentido o conceito de *ethos*. A EBI das Aves/ S. Tomé de Negrelos procura, simultaneamente, a equidade e a excelência, revelando ser uma Escola que aprende.

2. O projecto Fazer a Ponte

2.1. Pressupostos e objectivos

O projecto "Fazer a Ponte" tem na sua designação a indicação da Acção (Fazer) e do Objectivo (a Ponte). Esta designação é justificada, pelo seu mentor, do seguinte modo: "esta Escola pretende ligar e compatibilizar todas as dimensões que fazem parte da educação inseridas dentro da própria escola. Tal como o próprio nome -Fazer a Ponte- indica; construir a ponte entre a escola e a comunidade, apostando em métodos inovadores e aprendizagens diversificadas" (cf. Escola Básica do 1º Ciclo da Ponte, 2001).

Genericamente, o projecto define três objectivos que explicitam os grandes princípios que devem nortear a organização interna e a relação com a comunidade. Assim:

Na organização da Escola:

- concretizar uma efectiva diversificação das aprendizagens tendo por referência uma política de direitos humanos que garanta as mesmas oportunidades educacionais e de realização pessoal a todos os cidadãos diferentes ou não, para que o bem estar de uns não se realize em detrimento do de outros;

- promover nos diversos contextos em que decorrem os processos formativos uma solidariedade activa e uma participação responsável.

Na relação com os Encarregados de Educação, autarquia e instituições locais:

- operar transformações nas estruturas de comunicação, pela intensificação de interacções entre agentes educativos (cf. Escola Básica do 10º Ciclo da Ponte, 2001).

Porém, a meta final deste Projecto será, nas palavras e actos dos agentes educativos, tornar as suas crianças mais felizes e solidárias.

Segundo Cochito, "O projecto Fazer a Ponte assenta na vontade expressa de lançar e consolidar "todas as pontes" que promovam a comunicação, a acção e a reflexão-na-acção, quebrando o isolamento do professor na sua sala de aula (monodocência) ou o isolamento da Escola face à família e à comunidade, traduzindo no dia a dia o respeito pela individualidade e a cultura de cada criança. A Escola é vista como uma teia complexa de interacções e está subjacente que nenhum problema pode ser resolvido se for perdida a visão da globalidade, se as grandes finalidades se tornarem distantes, se a acção não for exercida simultaneamente em todos os domínios da

comunidade educativa, se essa acção não se apoiar na comunicação e na reflexão crítica" (1999, p. 99).

De facto, desde o início, desde 1976, que os objectivos preconizados consistem em concretizar uma "(...) efectiva diversificação das aprendizagens, tendo como referência uma política de direitos humanos que garantisse as mesmas oportunidades educacionais e de realização pessoal para todos; promover a autonomia e a solidariedade; operar transformações nas estruturas de comunicação e intensificar a colaboração entre instituições e agentes educativos" (Escola Básica do 1º Ciclo da Ponte, 2001, p. 15).

Neste sentido, a realização pessoal, a solidariedade e a participação, a autonomia social/afectiva e cognitiva, parecem ser as grandes finalidades educativas, que se realizam através do reconhecimento da individualidade, do respeito pela diferença, numa lógica de discriminação positiva, através do estabelecimento de uma efectiva igualdade de oportunidades educativas e da criação de condições para a comunicação e interacção entre todos os intervenientes. E é sob este cenário que todas as aprendizagens acontecem. Com todas as crianças que são, todas, diferentes, especiais, e tratadas como tal. Com níveis, interesses, histórias e percursos diferentes, inserem-se nos grupos e trabalham para fins comuns. É uma Escola onde se concretiza um ensino individualizado, um mesmo currículo para todos os alunos, desenvolvido de modo diferente por cada um pois todos os alunos são alunos diferentes, especiais (cf. Escola Básica do 1º Ciclo da Ponte, 2001).

De facto, preconiza-se, mais do que o ensinar, *o ensinar a aprender a aprender*, o educar, num aprender fazendo, projectado, planificado, viabilizado por diferentes formas, destacando-se o permanente incentivo à investigação, à exploração, à procura, à descoberta, à pesquisa, à reflexão. Ensinar não é só transmitir, mas também promover o desenvolvimento de aptidões e métodos de pensar e de agir. Neste sentido, os educadores criam espaços e oportunidades para progressivas aprendizagens verdadeiras e autónomas. O seu papel é o de "fomentador de curiosidades", de orientador na resolução de problemas. É alguém que assume tarefas de estímulo e organização, um tutor. Nesta linha, o aluno é o centro do processo de aprendizagem, aprendendo, construindo a sua própria aprendizagem. É activo, descobrindo por si e com os outros, reflectindo sobre o que aprende e o que faz, decidindo, participando, avaliando, reformulando, reconstruindo. A grande finalidade da educação, assumida por este projecto, é a formação de cidadãos responsáveis e solidários, informados, também, pelo que se aprende, também, cooperando.

A CAE considera, assim, que o projecto "Fazer a Ponte" está de acordo com o preconizado por Delors et al. (1996) que referem que educar é desenvolver no ser humano quatro competências básicas:

- * competência pessoal: aprender a ser;
- * competência relacional: aprender a conviver;
- * competência produtiva: aprender a fazer;
- * competência cognitiva: aprender a conhecer.

Segundo os educadores, e visível a partir das observações da CAE, enfatiza-se mais o educar do que o preparar alunos para fazer exames, mais do que fazer decorar a tabuada, mais do que saber recitar ou aplicar fórmulas matemáticas. Segundo este Projecto, educar é ajudar as crianças a entenderem o mundo e a realizarem-se como pessoas, muito para além do tempo de escolarização. Mesmo nas aulas directas (mais expositivas, por assim dizer), o professor implica as crianças no esforço de compreensão e aplicação dos conhecimentos e das informações.

Igualmente, nas palavras dos agentes educativos, e constatado pela CAE, o projecto sob análise pressupõe uma outra organização de escola, uma outra cultura, uma outra relação entre os vários grupos que constituem a equipa educativa (pais, professores, alunos, pessoal auxiliar), um outro modo de reflectir as práticas. Em rigor, passou-se dos meros objectivos de instrução a objectivos amplos de educação: "A participação em diferentes contextos sócio-educativos e a complementaridade entre situações formais e informais favorecem a identificação de realidades que escapam a leituras restritas às situações clássicas de ensino. Não será por acaso que há acasos. A palavra ponte age simultaneamente como designação de escola e como metáfora. Evoca mudança. Será lugar por onde, entre, ou através do qual, se poderá passar do possível ao necessário. Este projecto sugere um modelo de escola que já não é a mera soma de actividades, de tempos lectivos, de professores e alunos justapostos. É uma formação social em que convergem processos de mudança desejada e reflectida" (Araújo, 1999, p. 99).

Consideram, ainda, os educadores que "na Escola da Ponte nada foi inventado, mas talvez os seus professores tenham conseguido dar novos significados a coisas sem importância, que permitem compreender processos de aprendizagem e de aprender a ser" (cf. Escola Básica do 1º Ciclo da Ponte, 2001).

É, pois, uma Escola com um projecto em que, de forma sistemática e sustentada, foram e são criados e postos em prática mecanismos e formas de organização destinados a desenvolver a

autonomia e a cooperação entre os alunos, em coerência com a finalidade explícita de educar para e na cidadania. É uma Escola cujas práticas educativas, que se afastam, de facto, das práticas mais correntes, potenciam o desenvolvimento pessoal e social do aluno. Funcionando em regime normal, ainda, com actividades "extracurriculares", corresponde, assim, às aspirações dos pais, assegurando resposta educativa prolongada aos seus filhos. É, ainda, uma Escola onde se desenvolve um trabalho que responde, adequada e significativamente, à diversidade, tendo, pois, como princípio o reconhecimento da experiência sociocultural das crianças, e, mesmo, dos demais, feita, assim, escola inclusiva, do local, intercultural, capaz de desenvolver a autonomia pessoal e social, indispensável na formação de cidadãos que se pretendem participativos, sujeitos da história do seu tempo.

Ou seja, nesta Escola vive-se "(...) uma experiência, um projecto pedagógico que visa promover o sucesso escolar de todos os alunos, numa escola inclusiva, em que todos os professores são professores de todos os alunos e onde os grupos cooperativos, base essencial da educação para (e na) cidadania, é uma realidade" (cf. Escola Básica do 1º Ciclo da Ponte, 2001).

2.2. Aspectos organizativos

Constata-se, de facto, que, na EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos, não há um professor para cada turma, não há manuais iguais para todos, não há classes, nem uma distribuição de alunos por anos de escolaridade. Os grupos são heterogéneos (com níveis de desenvolvimento e graus de dificuldades diferentes - procedimento potencial facilitador de conflitos sociocognitivos, facilitador das condições para a cooperação ou aprendizagem colaborativa) e fazem-se e refazem-se sempre que novos projectos surgem, ou seja, são dotados de permanente mobilidade, em função dos planos de acção e de aprendizagem, apoiados pelos educadores.

Segundo Cochito, "Os grupos, nesta Escola, são considerados cooperativos porque a finalidade da cooperação, ou entreajuda, está claramente explicitada e é o motivo primeiro da sua constituição (...) os grupos têm uma dimensão (regra geral três alunos) pequena em que seja possível a participação de todos (...) a sua constituição é heterogénea quanto ao rendimento e, também, segundo o outro critério da escola, quanto à capacidade de trabalhar autonomamente e de disponibilizar ajuda (...) a formação dos grupos alia decisão dos professores com alguma possibilidade de escolha pelos próprios alunos" (1999, pp. 199-200).

Deste modo, e nas palavras dos educadores, os critérios de reorganização dos grupos não são referenciáveis, apenas, ao rendimento, ao domínio de competências, a expectativas ou a objectivos instrumentais. Antes, decorrem, fundamentalmente, das avaliações que precedem os momentos de reorganização. Ainda, dentro de cada grupo, a gestão flexível dos tempos e dos espaços educativos (meticulosamente planificados em conjunto) possibilita momentos de trabalho em pequeno grupo, momentos de participação em colectivo, momentos de ensino mútuo, ou ensino/intervenção directo, momentos de realização individual.

Porém, a trabalhar individualmente ou em grupo, as crianças funcionam como um todo, com o propósito de concretização do projecto ou plano.

Em termos organizacionais, os professores, em equipa, elaboram um plano quinzenalmente (Plano Quinzenal), com projectos a desenvolver e objectivos gerais a atingir (reflectindo expectativas elevadas e objectivos de curto prazo, referindo-se aos máximos objectivos que cada aluno pode atingir) (cf. Escola Básica do 1º Ciclo da Ponte, 2001), que, posteriormente, é completado pelos alunos, em colectivo, com sugestões de actividades a realizar. Diariamente, cada aluno faz o seu plano de tarefas (Plano do dia), que cumpre e avalia (o que cumpri do meu plano, o que não cumpri e porquê), sendo verificado/avaliado pelo educador/tutor. "Os alunos escolhem as actividades a realizar durante uma quinzena, ou em cada dia. No final de cada quinzena ou dia, os alunos avaliam o seu plano, individualmente, ou em grupo. A gestão dos tempos e dos espaços é autónoma. Cada aluno e cada grupo escolhe com quem quer e onde quer trabalhar" (cf. Escola Básica do 1º Ciclo da Ponte, 2001). Assim, as crianças podem copiar (registar) textos ou partes de textos, responder a questões, resolver exercícios, fazer escrita criativa, desenhos, outras realizações.

Mas toda esta arquitectura é francamente estruturada e controlada pelos educadores, não se registando "derrocadas" de maior. Os planos revelam grande articulação e coerência entre as funções e os dispositivos, ou seja, em linguagem mais comum, entre os objectivos e as actividades. Assim, por exemplo, para a função gestão integrada e flexível do currículo (rotinas) temos como dispositivos o debate [ler para os outros. novidades e jornal diário (Dia-a-Dia) e discussão de um assunto], a aula directa (solicitada pelos alunos e estabelecida pelos professores. muito resultante da inscrição no dispositivo pedido de ajuda; "as aulas são dadas em pequenos grupos e respondem a uma dificuldade sentida pelo aluno. Os temas tratados não aparecem como uma surpresa mas já foram previamente estudados pelos alunos") (cf. Cochito, 1999, p. 210), tarefas e responsabilidades (individuais e de grupo), regras elementares (pedido de palavra e trabalho "com categoria"), visita de estudo, gestão dos cacifos (Escola Básica do 1º Ciclo da Ponte. 2001. p. 27). É de referir, ainda,

que, quer as funções, quer os dispositivos são profundamente fundamentados e justificados, antes de se tornarem instituídos neste Projecto.

A CAE considera que o clima de aprendizagem é muito estimulante e convidativo. Transmite-se, vivendo-se, uma grande serenidade entusiasmada, proporcionadora de construções/reconstruções instrumentais. Contrariamente ao que se pode pensar, as aprendizagens integradas são sistemáticas e francamente estruturadas. São aprendizagens activas, diversificadas e significativas, com a utilização de estratégias de organização social. Os objectivos ou conceitos (autonomia, cooperação, solidariedade, responsabilidade, cidadania, compreensão, evocação, elaboração, construção e reconstrução e outros conteúdos) apresentam-se bem fundamentados, delineados, operacionalizados, consciencializados e controlados pelos intervenientes responsáveis do processo ensino-aprendizagem: professores e alunos. De resto, "as actividades inserem-se num processo dialéctico, que deverá conjugar os interesses, expectativas e motivações dos alunos e os objectivos dos professores, enquadrando-se em princípios de organização servidos por uma fundamentação teórica que promove a sua legitimação, e que foi elaborada e reelaborada ao longo dos anos" (Escola Básica do 1º Ciclo da Ponte, 2001, p. 63).

A CAE salienta, ainda que, pelo facto de serem abertas, as salas, ou ateliês (pavilhões temáticos), permitindo uma circulação constante, embora sem perturbações, possibilitam a concretização dos variadíssimos projectos sempre em curso. Neste sentido, podemos dizer que a vivência desta Escola é um projecto com projectos.

2.3.-Aspectos curriculares e pedagógicos

Genericamente, há que referir que o sistema de aprendizagem se processa por via de múltiplas formas, fundamentalmente, pela pesquisa activa e pelo trabalho de grupo, com auto-avaliação.

Segundo os próprios educadores desta Escola, "as linhas de força deste projecto são: os alunos estudam o que querem, como querem e o que querem; os manuais escolares únicos são substituídos pela biblioteca; não há crianças inadaptadas, a escola é que não está adaptada às crianças; reunião semanal de uma Assembleia de Escola dirigida por alunos eleitos entre si; escolha regular dos objectivos a atingir, feita pelos alunos de entre os propostos pelos professores; a avaliação é feita a pedido e no momento desejado pelo aluno com rejeição, por princípio, dos testes tradicionais; disponibilidade dos professores para respostas individualizadas, diferenciadas; organização dos

espaços e das aprendizagens não limitadas à sala de aula e a turmas diferenciadas e estanques; aposta muito forte na educação das atitudes e na aprendizagem dos valores democráticos; participação muito activa dos pais no projecto da Escola." (cf. Escola Básica do 1º Ciclo da Ponte, 2001).

Se à letra, sem observação e análise mais profunda, todos estes procedimentos podem indiciar grande anarquia e *laissez-faire*, no caso presente, esta leitura não se aplica, de todo. Regista-se uma conciliação/integração entre os interesses das crianças e os conhecimentos a adquirir. Nas palavras de um professor, "Agarramos no que eles já sabem e desenvolvemos".

Especificamente, o processo de aprendizagem realiza-se através de dispositivos pedagógicos que, em linguagem comum, podem ser identificáveis às actividades, funcionando, pois, como procedimentos ou veículos de concretização dos objectivos. Na perspectiva de Cortesão e Stoer, "os dispositivos pedagógicos são estratégias e materiais a que se pode recorrer na prática educativa, concebidos criticamente e elaborados como propostas educativas adequadas a características sócio-culturais identificadas pelos professores como estando presentes no grupo com que trabalham (...) a par de serem extremamente úteis na conquista de aprendizagens curriculares (...) procuram também valorizar aos próprios olhos a sua imagem e do grupo a que pertencem" (1996, p. 10).

De facto, os dispositivos pedagógicos representam um dos elementos distintivos deste Projecto. São guiões orientadores que abundam nos diversos espaços da Escola, que as crianças sabem ler e compreender, revelando, assim, conhecer os objectivos das tarefas, presumindo-se que codificam porque para eles também contribuiram.

A título ilustrativo, a CAE releva os seguintes dispositivos pedagógicos: plano quinzenal, plano do dia, eu já sei, preciso de ajuda, aula directa, clube de leitura, requisição de livros, jogo das perguntas, registo de correspondência, acho mal, acho bem, caixinha dos segredos, textos inventados, jornal, computador e audiovisual, plano dos objectivos, cartaz dos aniversários, grelha de jogos das perguntas, comissão de ajuda, registos de avaliação, cartaz de correspondência (normal, e-mail), caderno de recados, bibliografias individuais e de grupo, registos escritos vários, registo de projectos, poemas, registo de consultas para pesquisa, registos de auto-avaliação, textos livres, lista de problemas da escola e da vida, registo de presenças, mapa de responsabilidades, grelha de aulas directas, plano quinzenal dos professores, registos de trabalhos e exposições de produções, projecto de Escola, registo de direitos e de deveres, registo da composição dos grupos, registo da distribuição dos educadores/tutores, planificação e registo de visitas de estudo,

distribuição das responsabilidades em projectos, registos da Associação de Pais, registo de projectos, sua planificação e produtos, etc... (cf. Escola Básica do 1º Ciclo da Ponte, 2001).

O currículo, como previsto nas próprias orientações curriculares e na legislação em vigor, apoiada, de resto, nas teorias relacionais da aprendizagem, é, de facto, centrado no aluno, nos seus interesses, nas necessidades percebidas e percebidas pelos educadores. A criança é entendida como um todo, sociável, sem se negligenciar o trabalho e a resposta individualizada. "Um mesmo currículo para todos os alunos desenvolvido de modo diferente por cada um" (Escola Básica do 1º Ciclo da Ponte, 2001, p. 51). Este presente projecto não visa, de facto, a concretização de um currículo meramente centrado nos conteúdos disciplinares estritos. Porém, embora enfatizando-se os processos, os procedimentos, da aprendizagem e do desenvolvimento, existe a consciência, visível nas inúmeras actividades e produtos observados, da necessidade de não se descurem os conteúdos, as noções, os conceitos, os conhecimentos declarativos. A este propósito, a CAE salienta que "os planos se desenvolvem, essencialmente, a partir de temáticas do estudo do meio ou biologia, por exemplo, o estudo específico dos conteúdos de língua portuguesa e matemática surge paralelamente e, por vezes, sem ligação com o tema aglutinador da quinzena, centrado no tratamento dos objectivos e conteúdos dos programas oficiais e directamente acrescentados pelo professor no plano de cada aluno, na maioria dos casos. (Cochito, 1999, p. 195). Em rigor, subscreve-se uma concepção alargada de currículo que não se limita ao conjunto de disciplinas da Escola mas ao conjunto de actividades programadas pela Escola.

É visível que, nesta Escola, se procura uma integração curricular/disciplinar, com um sentido comum, sob os princípios da colaboração, solidariedade, participação com autonomia (na planificação, nas pesquisas, nas realizações, nas avaliações) e comunicação permanentes. Ou seja, procura-se a integração curricular na educação na cidadania, tal como vários autores defendem (Beane, 2002), e as próprias orientações curriculares aconselham.

A equipa docente realiza a assunção de que para aprender e revelar aprendizagem são necessários os dois tipos de conhecimento: declarativo e procedimental. Interessante, igualmente, é observar o resultado ou produto destes princípios: os alunos fazem e sabem narrar porque o fazem e como o fazem. E, "esta prática só é possível, [julgamos], com uma grande organização por parte da equipa docente que, ao mesmo tempo que orienta o aluno no seu percurso diário, transforma o espaço em instrumento e meio de comunicação, utilizado por todos igualmente" (Cochito, 1999, p. 194).

De facto, a organização escolar reflecte uma visão de currículo como prática, em que todos os actores estão implicados, e representa uma ruptura clara com um modelo de organização curricular tradicional, baseado na sucessão de um conjunto mais ou menos desgarrado de disciplinas e que a investigação aponta, ainda, como dominante (cf. Cochito, 1999, p. 194).

Os programas são integralmente respeitados, ao nível das temáticas e áreas de aprendizagem, porém, não, se procede a qualquer divisão por anos de escolaridade. Ou seja, todos os alunos, depois da iniciação, ou plano 1º de aprendizagem (utilizando o método global na aprendizagem da leitura), trabalham e progridem em conjunto, na medida das suas capacidades, e com o olhar atento, facilitador e orientador dos educadores. Cada professor (tutor) acompanha a evolução de um determinado número de alunos e procede ao registo da avaliação do cumprimento dos objectivos considerados fundamentais, os quais constam numa lista de verificação. Nela se enumeram os objectivos a atingir, de acordo com o programa em vigor, consoante as diferentes áreas de aprendizagem. Listam-se, em primeiro lugar, as capacidades, competências e atitudes a desenvolver, seguidas dos objectivos das diversas áreas. Este roteiro funciona, ainda, como estratégia de registo/avaliação dos alunos, dos educadores e, igualmente, dos pais, permitindo uma informação pormenorizada sobre o percurso do aluno (cf. Escola Básica do 1º Ciclo da Ponte, 2001).

As estratégias, as actividades e as metodologias utilizadas não se apresentam como uma listagem de acontecimentos a dinamizar, mas como um conjunto de práticas articuladas e estruturantes, regidas pelos princípios pedagógicos subjacentes. São contextualizadas, adequadas às situações, procurando responder aos objectivos primeiros de autonomia, iniciativa, participação, cooperação, solidariedade, responsabilidade, experimentação. São os dispositivos promotores de uma autonomia responsável e solidária que pretendem traduzir diariamente as finalidades que a Escola e o seu projecto se propõe prosseguir (cf. Escola Básica do 1º Ciclo da Ponte, 2001).

Para além de todos os dispositivos pedagógicos, já mencionados anteriormente, uma das actividades mais representativas desta vivência educativa, reveladora da autonomia democrática experienciada na Escola, será a Assembleia de toda a Escola, com sessões semanais, envolvendo toda a população escolar, apenas, com a excepção, eventual, de algum grupo ausente, a realizar algum projecto no exterior. É um momento em que as crianças manifestam grande sentido de responsabilidade, grande empenhamento na planificação, organização e gestão, participando activamente, manifestando aprendizagens. É um momento de trabalho colectivo onde cabe, por exemplo, a introdução de temas de estudo e de trabalho, a apresentação de comunicações, análise de inquéritos, de dificuldades, ou

a discussão de alterações às regras instituídas. Debatem-se projectos, resolvem-se conflitos. Fazem-se balanços, definem-se novos projectos, apresentam-se relatórios de pesquisas, de trabalhos, lêem-se e pensam-se poemas, festejam-se aniversários, proporcionando-se a aprendizagem da democracia, sendo um espaço de grande participação (cf. Escola Básica do 1º Ciclo da Ponte, 2001). Todos os dispositivos pedagógicos equacionados "ultrapassam o nível das estratégias e materiais, agregando suportes de uma cultura organizacional enquadrada num projecto educativo específico, não se limitando ao domínio do desenvolvimento curricular. (...) o dispositivo pedagógico é entendido como suporte de uma cultura organizacional específica, sendo considerado nessa qualidade toda e qualquer manifestação (identificada como rotina, estratégia, material, recurso,...) que contribua para a produção, reprodução e transformação da cultura predominante numa determinada comunidade educativa⁸ (Escola Básica do 1º Ciclo da Ponte, 2001, p. 18).

O próprio controlo das aprendizagens, ou sua avaliação, é realizado de formas naturais [que vão desde o plano (em que cada aluno regista o que pretende saber, de que recursos irá servir-se, o que irá fazer, com quem e quando; onde, diariamente, estabelece comparações verifica a concretização de objectivos, revê estratégias, estabelece novas actividades, etc.), os Relatórios (descrições breves de processos de descoberta e pesquisa), álbuns (recolhas críticas de materiais para arquivo e consulta), colectânea de textos e o jornal da Escola (grande instrumento de divulgação de descobertas e realizações de toda a comunidade educativa) , bibliografias, instrumentos de apoio a consultas elaborados no início de cada plano quinzenal, a ficha de auto-avaliação feita com ou sem a presença do professor, que é, também, auto-correctiva, o teste de itens seleccionados pelos alunos elaborado ao longo de um qualquer projecto e negociado com os professores, que serve de referência para o que os alunos chamam de jogos das perguntas, a acta redigida pelos alunos, após um debate na assembleia, ou um trabalho de grupo, que permite comparar opiniões e níveis de desenvolvimento e é, simultaneamente, memória e fonte de informação (cf. relatos dos educadores)]. Ele é, igualmente, responsável, sem suscitar medos vãos, ou receios desnecessários. Todavia, diariamente, este controlo é feito, pelos educadores, com o(s) aluno(s), que se consciencializam do alcance, ou não, dos objectivos propostos. É um processo de auto-conhecimento, e de conhecimento do outro, permanente, essencial ao crescimento e desenvolvimento de ambos. São procedimentos que asseguram a auto-regulação dos alunos e das práticas educativas. Uma verdadeira aprendizagem cooperativa e colaborativa, responsabilizada. Contudo, não são dispensados os testes de avaliação, e as fichas de trabalho mais estandardizadas, assumidos como importantes, quer pelos professores, quer pelos alunos.

Mas todas estas formas têm como denominador comum o seu carácter formativo. Todas são encaradas como oportunidades de aprender. De referir que todas as actividades dos alunos são alvo de observação atenta e, por isso, sujeitas a avaliação.

Daí podermos falar em avaliação contínua, sistemática, perpassando todos os aspectos do desenvolvimento. O processo de avaliação é encarado, essencialmente, como uma oportunidade de aprender e centra-se na crescente capacidade que cada aluno deve ter em auto-avaliar-se. Todos os dispositivos pedagógicos existentes facilitam essa apropriação pelo aluno e encorajam, deste modo, processos metacognitivos.

Na perspectiva dos educadores, "tendo a avaliação um carácter contínuo e sistemático e por ser indispensável contemplar o ritmo de cada aluno, a avaliação praticada nesta Escola, tem por marco de referência o ciclo e nunca o ano de escolaridade. Cada criança é um ser único e irrepetível, não havendo dois alunos com idêntico itinerário de aprendizagem, sendo improvável a coincidência de níveis de desenvolvimento nas diferentes áreas do domínio cognitivo, do atitudinal, no desenvolvimento de destrezas como no das competências" (cf. Escola Básica do 1º Ciclo da Ponte, 2001). E, ainda, consideram ser útil prevenir, em vez de consumir retenções. E é neste sentido que nesta Escola o lema é momento de avaliação, momento de aprendizagem.

Poderíamos, pois, dizer que, nesta Escola, a pedagogia dominante é a da liberdade agida e vivida.

A CAE foi confrontada, e bem; com práticas educativas que se afastam do modelo corrente e, por isso, talvez, menos consensual. De facto, esta Escola está organizada segundo uma lógica de equipa e de projecto, estruturando-se a partir das interacções entre os seus membros, das decisões colegiais, de uma forte horizontalidade de relações, com uma liderança individual de significação forte que utiliza a sua energia para promover o diálogo permanente entre os vários actores.

3. A visita à EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos

3.1. Preparação e proposta de programa

Em conformidade com a metodologia estabelecida pela CAE para o desenvolvimento dos seus trabalhos, a visita à EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos foi preparada através de uma troca de correspondência com a CI desta Escola.

A CAE pretendia, obviamente, recolher o máximo de informações nas reuniões a realizar na EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos, bem como conhecer *in loco*, através da observação, o desenrolar das actividades correspondentes ao 1º e 2º Ciclos daquela Escola.

Era, por outro lado, intenção da CAE proceder à observação das actividades da forma mais natural possível, evitando qualquer situação intrusiva susceptível de perturbar o normal funcionamento da Escola.

Após algumas sugestões e pedidos de ajustamento por parte da CI ao programa inicialmente proposto pela CAE, o programa definitivo foi o seguinte:

Dia 28 de Maio

9h30 – Reunião de trabalho com a CI e com o coordenador do Projecto “Fazer a Ponte”, Mestre José Pacheco

Após a reunião, visita às instalações.

15h00 - Reunião com a equipa docente.

Dia 29 de Maio

Manhã e tarde (até às 16h). - Observação das Actividades da Escola.

16h – Reunião com a Direcção da Associação de Pais

Dia 30 de Maio

Manhã – Continuação da Observação das Actividades da Escola

15h – Assistência à Assembleia de Escola

16h – Reunião com a CI.

O programa estabelecido e objecto de acordo com a CI foi integralmente cumprido, tendo a CAE recebido da CI da EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos a colaboração indispensável para o desenvolvimento dos seus trabalhos.

3.2. O desenrolar da visita

A visita foi iniciada, após o acolhimento da CAE e a apresentação de cumprimentos à CI, com a realização de uma reunião com este órgão de gestão da Escola, à qual esteve, também, presente o Coordenador do Projecto.

No decurso desta reunião, que se prolongou por cerca de duas horas, a CAE pormenorizou os objectivos da missão que lhe tinha sido atribuída, a metodologia que tinha estabelecido para o desenvolvimento da sua actividade, nomeadamente a análise de documentação pertinente para o Projecto "Fazer a Ponte", a observação das actividades desenvolvidas em consonância com o mesmo, assim como a análise dos resultados das provas de aferição e do percurso escolar dos alunos da ex-Escola da Ponte nº1.

Por sua vez, os membros da CI e o Coordenador do Projecto prestaram informações sobre o desenvolvimento do projecto "Fazer a Ponte", desde a sua origem. sobre a situação actualmente, vivida na Escola, sobre as habilitações e áreas do ensino dos professores actualmente em serviço, bem como sobre o desenvolvimento das actividades e os dispositivos pedagógicos utilizados.

Concluída a reunião, os membros da CAE efectuaram a visita às instalações da EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos, sendo acompanhados, como é prática em uso, por duas alunas - a actual Presidente da Assembleia de Escola e a sua antecessora - que deram indicações sobre as instalações e as diversas actividades nas mesmas desenvolvidas.

A reunião com a equipa docente iniciou-se, como previsto, às 15 horas, tendo a mesma sido utilizada pela CAE para realizar uma entrevista de grupo em conformidade com guião previamente elaborado.

A entrevista de grupo permitiu à CAE constatar níveis elevados de satisfação pessoal e profissional, bem como um forte sentimento de pertença, apesar da situação de alguma instabilidade vivida na Escola. São valorizados, nas suas intervenções, aspectos de diversificação como os modos de agrupar os alunos, os processos de avaliação, a gestão dos espaços e tempos de ensino-aprendizagem, o trabalho em equipa dos professores, que lhes permite assumir riscos e desenvolverem um projecto inovador. Uma das dificuldades apontadas reside na articulação da integração curricular com a integração social baseada na educação na cidadania um dos objectivos prosseguidos, dado o fluxo de crianças que não iniciaram o seu percurso escolar nesta mesma Escola. Nas palavras da Coordenadora da equipa docente, é necessário "refinar" o projecto. É reconhecida e assumida a necessidade de aperfeiçoamento, sendo constante a atitude de pesquisa, de reflexão e de auto-avaliação.

De facto, a CAE realça a serenidade, a disponibilidade, a cordialidade, o espírito de interajuda, de partilha, de reflexão colaborativa, da equipa de trabalho. As suas atitudes, os seus comportamentos, espelham um elevado trabalho de back-office, uma consciencialização dos objectivos a atingir, deixando transparecer um projecto educativo que é comum, assumido e partilhado, com identidade, com uma cultura particular. Somente, desta forma, parece-nos, é possível a generalizada imperturbabilidade nas suas tarefas, rigorosa e metodicamente levadas a efeito, aquando da presença e auscultação de inúmeros observadores. Revelam-se sujeitos com grandes capacidades de exposição a públicos. Sem medos e/ou receios. Acreditam nos princípios e nas formas de os praticar, e isso proporciona-lhes uma segurança, não arrogante, de estar neste processo, que nos parece bastante profícua. Numa época percebida sob stresse, os educadores não olham para o relógio, possuindo-o... .

No decurso da observação das actividades da Escola, pudemos perceber que vivem a docência, apaixonadamente, com dedicação, de forma exaustiva, sem perderem de vista o rigor da sua função. São verdadeiros companheiros, parceiros da mesma "jornada", partilhando as diversas tarefas, direitos e deveres, assumindo relações simétricas com os alunos, sem que para isso abdicuem da sua afirmação e autoridade epistemológica e praxeológica. A sua função é a de educadores/orientadores/supervisores/tutores, e é, verdadeiramente, assumida. Os educadores apoiam, elicitam, encorajam, explicitam. Ainda, revelam grandes capacidades de auto e hetero-

avaliação/reflexão, um auto e hetero-questionamento permanente. Manifestam-se genuinamente satisfeitos, francamente empenhados. Reconhecendo-se numa experiência comum, apoiam-se mutuamente.

Finalizando, a CAE refere que não deve ser tarefa fácil funcionar neste registo. É um grande desafio para estes docentes, embora estejam conscientes das suas potencialidades e fragilidades.

O dia 29 foi, na maior parte, preenchido com a observação das actividades da Escola, remetendo a CAE para os capítulos 1 e 2 do presente Relatório parte da observação e análise a que procedeu, especificamente no que diz respeito à caracterização da instituição e ao projecto da Escola.

No entanto, genericamente, a CAE pôde constatar, no decurso da visita, que as crianças se organizam, não por grupos de idade ou classes/turmas, mas por projectos de trabalho, estando os educadores atentos, estimulantes, reforçadores, ao seu desenvolvimento, aos interesses e sugestões, proporcionando vivências ricas, potenciadoras de todos os aspectos do humano (aspectos cognitivos, afectivos, sociais e relacionais, psicomotores, estéticos, artísticos, ...). As crianças gerem, com a participação activa dos educadores, os tempos e os espaços educativos. Definem os projectos de trabalho, definem o grupo de trabalho, realizam e controlam. Elas estão, atentas e empenhadas nas tarefas, são interessadas e interessantes, curiosas, autónomas, mas ordeiras, socializadas, responsáveis, pensadoras, com capacidades para solucionar situações problemáticas.

Apresentam-se alegres, bem dispostas, autênticas, com elevada auto-estima, com competências sociais, conhecedoras e aplicadoras das regras, autoconfiantes, expressivas, comunicativas, cuidadosas com os outros, mesmo que estranhos ou visitantes, solidárias, com espírito de interajuda, de partilha, a funcionar bem consigo e com os outros, individualmente e em grupo. São autênticas, não adultos em ponto pequeno, funcionando, também, por vezes, como qualquer criança. Também são capazes de estar tristes e zangadas, também têm momentos de inquietude e insatisfação, também, há necessidade de "comboios" para se organizarem. Mas, do mesmo modo, revelam-se conhecedoras dos objectivos de aprendizagem estipulados, discutidos e reflectidos, com capacidades de expressão oral e escrita, agindo em actividades diversas e articuladas, num todo integrado, com sentido, significado, com instrumentalidade, desde as actividades mais académicas, como as que apelam para o raciocínio matemático, a expressão escrita e oral, na língua materna, ou mesmo, em língua estrangeira, para o conhecimento do mundo, mais próximo e mais distante, às actividades menos formais, como as artísticas (plástica, dramática, visual, musical, motora, etc.),

todas numa vivência lúdica, dinâmica, construtiva, com objectivos bem definidos, interessantes, porque projectadas, pensadas, com percepção clara da sua funcionalidade.

É facto que as crianças revelam um elevado nível de auto-regulação. Elas revelam pensar, saber construir. Procuram e produzem, sendo, igualmente, sociáveis e abertas. Ou seja, são, de facto, sujeitos activos, autónomos e responsáveis, nas suas aprendizagens, sejam elas de carácter mais académico ou mais relacional. No entanto, sabem que têm o apoio dos professores e dos colegas e quais os meios práticos de o conseguir.

As crianças gostam de ir à escola porque gostam da escola, porque realizam a sua função. As crianças aprendem e revelam aprendizagens. Envolvem-se porque percebem, e vivem, experienciando, o sentido da escola. As aprendizagens, porque pensadas como interdisciplinares e integradas, são situadas, contextualizadas, mediatizadas pelos educadores, e, assim, passíveis de interiorizações. Sente-se, de facto, a vivência de uma integração curricular tentada, projectada e analisada pelos diferentes intervenientes (educadores e alunos).

Em ambiente alegre, com fundo musical, convidativo à concentração, saudável, embora, talvez, "marginal" ao mais comum e frequente no Sistema Educativo Nacional, mas, não, por isso, menos eficaz ou construtivo, as crianças lêem, escrevem, reproduzindo e produzindo textos úteis, aprendem a solucionar problemas de raciocínio matemático, cantam, revisitam jogos tradicionais, tocam e constroem instrumentos musicais, produzem materiais de trabalho, utilizam, de forma sistemática e com objectivos precisos, as "novas" tecnologias de comunicação, exploram e pesquisam, de formas muito diversas, sobre temas de geografia, história, sociedade em geral, preocupando-se, diariamente, com o ambiente, com questões sociais, com os valores de cidadania, solidariedade, respeito pelo outro. E todas estas vivências são tidas de forma natural, sistemática, sempre, de forma integrada e articulada, sentida, porque vividas, experimentadas, reflectidas, pensadas.

Não se regista perturbação nos comportamentos, aquando das "invasões" regulares das inúmeras visitas. As crianças recebem, atendendo, os visitantes, de forma cordial e ordeira, mesmo didáctica e pedagógica, continuando as suas actividades, de maneira responsável. Admirável. Um grande objectivo educacional alcançado. O mesmo acontecendo com os educadores, como já foi referido anteriormente.

De fazer sobressair, também, e contrariamente ao que um observador menos avisado pode pensar, que os alunos levam, sempre e diariamente, para casa uma tarefa -TPC- registada num caderno que os acompanha ao longo do ano. Este terá que ser rubricado, porque observado, pelos pais e inclui um espaço para trocas de mensagens. Este aspecto pode, mesmo, ser entendido e funciona como um pretexto para que os pais dos alunos tenham mais uma oportunidade de diálogo com os seus filhos, sendo, aliás, este aspecto relevado pelos educadores.

Não podemos comparar, pois não se trata de uma análise comparativa. Apenas, dizer que este formato de acção, esta dinâmica, funciona, cumprindo os objectivos, propostos pela equipa docente e os consagrados na lei: as crianças integram o conhecimento, revelam conhecimento declarativo e procedimental, percebendo e manifestando a instrumentalidade das aprendizagens. Daí o seu empenhamento nas tarefas ou projectos aventados. A compreensão da instrumentalidade (interesse) das aprendizagens como factor de motivação é uma constatação.

Tentando retratar o dia a dia, vivido adentro deste projecto, podemos dizer, então, que, como não existem classes estanques, os alunos contactam diariamente uns com os outros e com todos os professores. Durante o dia gerem autonomamente uma parte do tempo. Assim, se, por exemplo, ao fim de dois dias, um aluno tiver considerado que já aprendeu determinada noção, ou atingiu o objectivo proposto, passa a ocupar-se de um novo. Todavia, a observação do educador é constante. A ajuda mais intensa do educador pode mesmo ocorrer, havendo, neste caso, lugar às aulas ou apoio mais directo.

Ainda no dia 29, realizou-se a reunião com a Direcção da Associação de Pais, que está em funções desde Setembro de 2002.

No decurso da reunião, os membros da Direcção revelaram uma grande preocupação em divulgar o Projecto Educativo da Escola, com o qual mostram um forte sentimento de identificação.

Foi patente que os representantes dos pais presentes - e, por extensão, os pais dos alunos da EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos - escolherem conscientemente o Projecto Educativo para os seus filhos, valorizando as suas características distintivas, como a forte componente da educação na cidadania.

Constata-se, pois, que o envolvimento no projecto não é só das crianças. O mesmo se passa com o corpo de educadores e dos próprios pais. E é, talvez, exactamente, por esta envolvimento, por esta motivação, que as crianças se contagiam. Percebe-se, quem visita, vivendo, sentindo, que é uma

escola com ambiente pedagógico em rede, uma real comunidade educativa, que prima por uma cultura organizacional de colaboração, com parcerias várias, estabelecidas muito em função dos planos correntes, associando-se, aproveitando as suas ofertas. Existe, de facto, uma vida escolar, com muitos e variados participantes, que concorrem para objectivos comuns.

Verbalizado, igualmente, pelos educadores, e constatado pela CAE, a Escola da Ponte é uma escola verdadeiramente aberta, e muito à participação dos pais que é por eles reconhecida, correspondendo não só com a sua presença, mas, também, pela forma como se pronunciam nas reuniões, como intervêm com a apresentação de propostas e sugestões para a resolução de problemas.

De facto, nas palavras da própria Associação de Pais, esta forma de participação dos encarregados de educação, existe, na Escola da Ponte, desde há 27 anos. Desde sempre que a Escola pôde contar com o seu dinamismo, na participação activa no desenvolvimento do projecto educativo, constituindo-se como um recurso indispensável para a promoção dos objectivos de integração cultural. Por via de fontes várias, percebe-se que a Associação de Pais realiza um grande esforço de renovação de equipamento, denotando-se o seu empenhamento na criação de condições que correspondam às exigências educativas.

Em conformidade com o programa semanal de actividades da Escola, realizou-se, na sexta-feira, dia 30, pelas 15 horas, a Assembleia de Escola, à qual a CAE assistiu.

Constituída a Mesa, a Presidente deu início aos trabalhos com a leitura da acta da reunião anterior, seguida da respectiva votação.

A Ordem do Dia comportava vários pontos, cuja análise e discussão obedeceu a procedimentos habituais no funcionamento de um órgão colectivo:

- pedido de intervenção por parte dos membros da Assembleia;
- concessão da palavra por parte da Presidente;
- eventuais pedidos de esclarecimento;
- votação (no caso das propostas em discussão).

A Assembleia decorreu na maior ordem, todos os alunos exprimiam-se, de modo geral, com clareza e objectividade, e as intervenções eram breves.

Um dos alunos foi destacado para disponibilizar um microfone, a fim de permitir melhores condições de audição.

A apresentação dos resultados de um inquérito dirigido aos alunos sobre hábitos de higiene alimentar foi feita com projecção de acetatos. Refira-se que o inquérito se integrava num projecto de actividades escolares acompanhado por uma docente.

A Presidente dirigiu os trabalhos com segurança e objectividade.

Na reunião de Assembleia, foram analisadas diversas propostas de actividades, entre as quais a da comemoração, no dia de S. João, do projecto Eco-Escola.

Foram, também, apreciados alguns dispositivos pedagógicos utilizados na Escola.

A reunião da Assembleia terminou com o cântico do hino da Escola, tendo os alunos abandonado a sala de forma muito ordeira, fila a fila.

A observação desta actividade, que constitui um dos dispositivos pedagógicos em funcionamento na Escola, representa um exemplo demonstrativo da educação na cidadania exercida na Escola.

Na reunião final com a CI da EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos, a CAE registou a colaboração e as facilidades concedidas para a realização da visita e reiterou os objectivos da missão que lhe tinha sido atribuída pela Senhora Secretária de Estado da Educação.

Foi, também, reconhecido por ambas as partes as limitações existentes quanto ao processo de avaliação perante as expectativas de acompanhamento e de monitorização do Projecto ‘Fazer a Ponte’.

4. Os resultados obtidos nas provas nacionais de aferição do 1º Ciclo do Ensino Básico e o percurso escolar dos antigos alunos da mesma Escola nos 5º e 6º anos de escolaridade

4.1. Os resultados obtidos nas provas nacionais de aferição do 1º Ciclo do Ensino Básico pelos alunos da EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos

4.1.1. Considerações Introdutórias

Como foi referido no ponto 2 da Introdução ao presente Relatório, a metodologia adoptada pela CAE para desenvolver os seus trabalhos incluía a consulta dos resultados das provas nacionais de aferição do Ensino Básico realizadas pelos alunos do 4º ano de escolaridade em 2000 e em 2001 de modo a comparar as médias obtidas pelos alunos da EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos com os de outras escolas, à escala regional e à escala nacional.

Antes de apresentar os resultados obtidos pelos alunos da EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos nas supra mencionadas provas, a CAE considera indispensável esclarecer as razões justificativas do emprego desta metodologia.

Em primeiro lugar, sendo o processo de avaliação direccionado para observar e orientar os efeitos do ensino de modo a permitir a tomada de decisões necessárias ao bom funcionamento das escolas, a apreciação dos resultados escolares afigura-se um meio indispensável para atingir aquela finalidade.

Não sendo, obviamente, um meio suficiente, por si só, para avaliar os efeitos do ensino, é, no entanto, um procedimento necessário à correcta apreciação do processo de avaliação do ensino-aprendizagem.

Acresce que o recurso aos resultados obtidos em provas de aferição possibilita a comparação, aos níveis regional e nacional, do desempenho em disciplinas essenciais como são a Língua Portuguesa e a Matemática, sem pretender erigir em meio exclusivo de apreciação - insiste-se neste ponto -um procedimento que é, contudo, indispensável ao fim em vista.

A partir da análise dos resultados às provas de aferição, é possível dispor de um conjunto de dados susceptíveis de fornecer informação sobre o desempenho dos alunos da EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos em relação às disciplinas de Língua Portuguesa e de Matemática, as quais são, como é consensualmente reconhecido, mais adequadas para analisar competências essenciais relacionadas com vários temas dos programas do 1º Ciclo do Ensino Básico.

As provas de aferição do Ensino Básico, que se efectuaram, pela primeira vez, em 2000, abrangeram como já foi mencionado, as disciplinas de Língua Portuguesa e de Matemática.

Relativamente à prova de Língua Portuguesa, foi organizada em duas partes, a primeira das quais destinada "a avaliar competências de *compreensão da leitura* (12 itens) e do *funcionamento da língua* (10 itens)" (Ministério da Educação, 2000, p. 15) e a segunda incidente na *produção escrita*.

Entre as competências que a prova de Língua Portuguesa pretendeu determinar, o Relatório Nacional das referidas provas refere (*ibidem*, p. 15), quanto à compreensão da leitura, "compreensão da ideia principal do texto", "compreensão e realização de paráfrase" e "compreensão e realização de inferências".

No que concerne ao funcionamento da língua, a "identificação de frases com o mesmo sentido", o "conhecimento de categorias gramaticais" e o "conhecimento da estrutura" da palavra e de frase constituíram as competências objecto da avaliação.

Relativamente à produção escrita, os aspectos que esta parte dá prova pretendeu avaliar foram os seguintes:

- construção da narrativa;
- construção linguística do texto; "
- ortografia.

No conjunto das duas partes a prova Língua Portuguesa estava prevista para uma cotação máxima de 100 pontos.

Quanto à prova de Matemática, incluía 22 perguntas, correspondentes a 25 itens, e abrangia os seguintes temas:

- número e cálculo;
- grandezas e medida;
- forma e espaço;

- organização e recolha de dados.

No que concerne às competências a avaliar, a prova de Matemática incidia no “conhecimento de conceitos e procedimentos” (12 itens), no “raciocínio” (5), na “comunicação” (1) e na “resolução de problemas” (7) (Ministério da Educação, 2000, p. 17).

A cotação prevista para cada item dependia dos níveis de resposta, correspondendo o “nível máximo... à resposta correcta” (*ibidem*, p. 115).

Convém, também, esclarecer que, apresentando embora semelhanças com as aplicadas em 2000, as provas de aferição realizadas em 2001 continham algumas diferenças em relação às anteriores, no que concerne, principalmente, à de Língua Portuguesa. Assim, embora estruturada em duas partes destinadas à avaliação, respectivamente, de competências de *compreensão da leitura e de funcionamento da língua*, e de *competências de escrita*, à prova de Língua Portuguesa foram acrescentadas duas competências, na componente de compreensão da leitura - “identificar as características e os sentimentos das personagens e identificar a sequência cronológica da acção” (Ministério da Educação, 2001, p. 14) - que não se encontravam na edição de 2000.

Por seu turno, a parte dedicada à produção escrita foi avaliada em função de cinco componentes: “respeito pelas instruções dadas, níveis de coerência em termos das coordenadas do processo narrativo, níveis de organização lógica do conteúdo narrativo, níveis de coesão do texto do ponto de vista linguístico - textual e utilização correcta das convenções gráficas” (Ministério da Educação, 2001, pp. 14-15).

Quanto à prova de aferição de Matemática, foram mantidas as áreas temáticas e os tipos de competência estabelecidos na edição de 2000.

Na apreciação genérica aos resultados das provas de aferição, o Relatório (Ministério da Educação 2000, pp. 16-17) consigna, quanto à prova de Língua Portuguesa, a necessidade de prestar atenção especial a “aspectos em que se verificam lacunas significativas:”

- no âmbito da compreensão da leitura, a necessidade de realizar actividades que envolvam “a capacidade de *verbatim*..., o uso da paráfrase e a compreensão inferencial”;

- no plano do funcionamento da língua, impõe-se a “consciencialização das regras da

pontuação;

- quanto à produção escrita, o ponto focado incidiu na "diversificação de tipos de textos a elaborar pelos alunos, acompanhados pelos professor e pelos alunos entre si".

Quanto à prova de Matemática, as deficiências registadas apontaram para a necessidade de prestar atenção mais elevada "a estratégias de resolução de problemas não rotineiras, a processos de argumentação, de explicitação do raciocínio e de comunicação matemática, assim como às capacidades ligadas à aprendizagem da Geometria" (Ministério da Educação, 2000, p. 19).

4.1.2. Comparação entre os resultados obtidos pelos alunos da EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos nas provas nacionais de aferição do 1º Ciclo do Ensino Básico e os resultados obtidos aos níveis regional e nacional

4.1.2.1. Em 2000

A análise dos resultados obtidos pelos alunos da EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos, relativamente à prova de Língua Portuguesa, revela (cf. Anexo 3 - Quadro 5), quanto à competência compreensão da leitura, que, dos 12 itens que comporta esta parte da prova, os mesmos atingem valores mais elevados, quanto à pontuação máxima atribuída, em nove itens (número 1, 2, 3, 5, 6, 7, 9, 10 e 12). Têm, na pontuação mais elevada - quatro valores inferiores à escala regional e nacional em dois itens (números 8 e 11) e ficam em segundo lugar no item nº4, sendo ultrapassados, num ponto percentual, ao nível regional.

No que se refere ao funcionamento da língua, os resultados (cf. Anexo 3 - Quadro 6) dos alunos da EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos são mais elevados em oito itens (números 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10), sendo apenas inferiores, quer à média regional, quer à média nacional, nos itens números 1 e 2.

Registe-se que, nos itens 9 e 10, a diferença de percentagens é bastante significativa (respectivamente de 24 e de 47 pontos percentuais, quanto à pontuação máxima, para a média dos alunos da EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos, em comparação com a percentagem ao nível nacional).

Quanto à parte da prova de Língua Portuguesa relativa à produção escrita, a tendência favorável

verificada nas componentes da primeira parte inverte-se.

Assim, nas cotações dos cinco sub-itens correspondentes ao item A, as médias percentuais, dos alunos da EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos, são inferiores em comparação com os níveis regional e nacional nos quatro primeiros pontos e apenas superior em um - o nº5 (cf. Anexo 3 - Quadro 7).

Constata-se a mesma tendência nos oito sub-itens do item B (redacção de texto narrativo com organização compreensível da informação).

No item C - redacção de texto com respeito pelas regras de ortografia -, a pontuação máxima é atingida, em percentagem ligeiramente mais elevada, relativamente aos níveis regional e nacional, pelos alunos da EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos.

A análise dos resultados à prova específica de Matemática (cf. Anexo 3 - Quadro 8) permite verificar que os alunos da EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos ocuparam, na quase totalidade dos itens (números 1,2,3.1,3.2,3.3,4,6,7, 8B, 8C, 10, 11, 13, 14,15, 17, 18, 19, 20, 21, e 22) a posição mais alta, em termos da cotação com maior pontuação.

É de salientar que, num número considerável de itens (por exemplo, nos números 2, 3.3, 7, 8B, 8C e 13), a diferença percentual é bastante acentuada, assim como, por outro lado, os valores são mais elevados nos itens (números 3.3, 6, 10, 13, 17, 19 e 22) em que a resolução de problemas constituía o tipo de competência a avaliar.

4.1.2.2. Em 2001

O apuramento da prova de aferição de Língua Portuguesa realizada em 2001 permitiu verificar que, no que toca à parte relativa à *compreensão da leitura* (cf. Anexo 4, Quadro 9), os valores são mais elevados nos alunos da EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos em onze itens, tomando como critério a pontuação, mais alta atribuída. Apenas nos itens 11 e 13 esta tendência é alterada.

Quanto ao *funcionamento da língua* (cf. Anexo 4 - Quadro 10), a tendência verificada é reforçada, visto que, em todos os itens que se destinam a avaliar aquela competência, a posição correspondente à posição mais elevada é sempre ocupada pelos alunos da EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos, nuns casos, de modo mais significativo (por exemplo, nos itens 2, 4,10 e 11), noutros, de forma menos sensível (por exemplo, no item 9).

No que concerne à parte incidente na *produção escrita*, nos sete itens que a mesma comporta, os resultados, correspondentes à percentagem da pontuação mais elevada aos mesmos atribuída obtidos pelos alunos da EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos foram sempre superiores às médias regional e nacional (cf. Anexo 4 - Quadro 11).

Relativamente à prova de Matemática, a distribuição dos resultados, avaliada pelo critério que tem sido adoptado na análise das provas de aferição, mostrou que os alunos da EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos atingiram a percentagem mais elevada na posição com maior pontuação em todos os itens, com excepção do número 6 (cf. Anexo 4 - Quadro 12).

Em síntese, pode afirmar-se que, exceptuando os resultados verificados com a parte da prova de aferição de Língua Portuguesa de 2000 incidente em dois dos três itens da produção escrita, os valores atingidos pelos alunos da EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos são, na maioria dos itens das provas de Língua Portuguesa e de Matemática, superiores naqueles alunos comparativamente às médias à escala regional e à escala nacional.

4.2. O percurso escolar dos antigos alunos da EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos nos 5º e 6º anos de escolaridade

4.2.1. Introdução

Sendo reconhecidas as vantagens de analisar os efeitos da qualidade do ensino ministrado num determinado nível através do estudo do percurso escolar dos alunos em níveis sequenciais de escolaridade, a CAE considerou conveniente recorrer a esse critério no estudo de avaliação a que procedeu.

Sem pretender atribuir um valor exagerado a esse critério, a CAE, no entanto, entendeu que o estudo do trajecto escolar dos alunos da Escola EB 1 da Ponte nº 1 constituiria um elemento susceptível de contribuir para a avaliação do desempenho dos mesmos.

Aliás, na Informação/Proposta nº1/DRNHR/2002, da Direcção Regional de Educação do Norte, é mencionada a realização, por uma técnica da DREN, de "um estudo de *follow-up* sobre taxas de transição e qualidade do sucesso em termos do rendimento escolar dos alunos saídos da Ponte em

1996 até 2001”.

Na Informação nº1/MEM/2002, da autoria da técnica mencionada na sobredita Informação/Proposta da DREN, é referido que a análise do percurso escolar de ex-alunos da Escola EB nº1 da Ponte se encontra "ainda em fase preliminar", consistindo em recolher "as classificações finais de ano nas áreas do Português e da Matemática".

A análise dos mapas, incluídos no Anexo 1 da Informação nº1/MEM/2002, do percurso escolar dos alunos da EB1 da Ponte nº1 que ingressaram na EB2/3 das Aves a partir do ano lectivo de 1996/1997 revela que é muito limitado o número de alunos cujo trajecto é possível acompanhar.

Com efeito, dos 25 alunos matriculados no ano lectivo de 1996/1997 naquela Escola só é possível seguir até ao 9º ano o percurso de 14, visto que, por diversas razões (abandono de escolaridade, falta de aproveitamento, ausência de registo) não estão completos os dados relativamente aos 11 restantes no conjunto dos cinco anos lectivos considerados (1996/1997 a 2000/2001).

Por esta razão, a CAE considerou mais adequada, tomando, igualmente, como fonte a supramencionada Informação nº1/MEM/2002, incidir a sua atenção na análise estatística do trajecto escolar dos alunos da actual EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos no período correspondente aos anos lectivos de 1991/1992 a 2000/2001.

4.2.2. Análise estatística do trajecto escolar dos antigos alunos da EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos de 1991 a 2001

A observação dos Quadros 13 e 14 (Anexo 5) permite inferir, relativamente aos alunos da EB1 da Ponte nº1 em comparação com os restantes alunos que frequentaram, no período em referência, a EB2/3 das Aves, os seguintes dados:

- De um total de 1860 alunos provenientes de outras Escolas Básicas do 1º Ciclo que frequentaram a EB2/3 das Aves, houve 88.23% de alunos que transitaram (do 5º ao 6º ano), 9.30% que ficaram retidos e 2.47% que tiveram abandono de escolaridade;
- Quanto aos alunos da ex-Escola da Ponte, dos 186 que frequentaram de 1991 a 2001 a supra mencionada EB2/3, uma percentagem de 91.94% transitaram, 4.84% ficaram retidos e

3.23% abandonaram a escolaridade.

Tomando como critério as classificações obtidas pelos alunos nas disciplinas de Português e de Matemática, verifica-se que:

- Relativamente ao 5º ano de escolaridade, nenhum aluno proveniente da EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos tem classificação de 1;
- A percentagem dos alunos da ex-Escola da Ponte que têm classificação de 2, quer em Português, quer em Matemática, é inferior à percentagem dos restantes alunos (respectivamente, 16.38% e 22.60% vs. 19.81% e 29.20%);
- A percentagem dos alunos da mesma Escola com classificações de 4 e de 5, consideradas em conjunto, é superior à dos outros alunos em Matemática e é praticamente igual em Português, (respectivamente, 24.29% e 24.85% vs. 21.99% e 24.09%) (cf. Quadro 13 - Anexo 5).

Relativamente ao 6º ano de escolaridade, a análise do Quadro 14 (cf. Anexo 5) indica que, dos 1666 alunos de outras escolas que, no período considerado, frequentaram a supramencionada EB2/3 das Aves, a percentagem dos que transitaram foi de 86.85%, a dos que ficaram retidos, de 11.46% e a dos que abandonaram os estudos de 1.68%.

Quanto aos alunos da EB1 da Ponte nº1, as percentagens foram de 91.52% no que concerne aos alunos que transitaram, de 6.67% dos que ficaram retidos e de 1.82% a dos que abandonaram a escolaridade.

Analisando as classificações obtidas em Português e em Matemática, constata-se uma convergência de resultados com os do 5º ano, visto que:

- Nenhum aluno da actual EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos teve nota de 1;
- A percentagem dos que foram classificados com 2, quer em Português (11.80%), quer em Matemática (27.95%) é inferior à dos restantes alunos (respectivamente, 20.31% e 35.70%);
- A percentagem dos alunos da supramencionada Escola com notas de 4 e de 5, consideradas

em conjunto, é superior, quer em Português (26.71%), quer em Matemática (26.09%) à dos restantes alunos (respectivamente, 20.69% e 19.75%).

Estes resultados revelam que os alunos que frequentaram o 1º Ciclo do Ensino Básico na actual EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos apresentam níveis de aproveitamento global superiores aos dos restantes alunos que frequentaram a EB2/3 das Aves no período de 1991 a 2001, tendo, também, classificações mais elevadas em Matemática no 5º e no 6º ano e em Português no 6º ano, sendo sensivelmente iguais, nesta última disciplina, no 5º ano.

5. Conclusões e recomendações

Tendo em conta a análise de toda a documentação disponibilizada e referenciada no ponto 2 da Introdução ao presente Relatório, assim como todas as informações recolhidas no decurso da visita realizada à EBI das Aves/ S. Tomé de Negrelos, quer através da observação das actividades constantes do modelo curricular correspondente ao Projecto, quer das reuniões havidas com a CI, com a equipa docente e com a Direcção da Associação de Pais, a CAE considera poder estabelecer os seguintes:

Pontos fortes:

- A filosofia subjacente ao Projecto “Fazer a Ponte”, caracterizada por princípios de desenvolvimento da autonomia e da cooperação entre os alunos, com a finalidade de educar para e na cidadania e de efectivo envolvimento de todos os intervenientes na acção educativa (pais, professores e alunos);
- A realização de uma integração curricular, desenvolvida de acordo com os princípios de um ensino e uma aprendizagem cooperativos;
- A existência de um conjunto de docentes altamente motivados e empenhados no processo de acompanhamento dos alunos na respectiva aprendizagem;
- A presença de um acentuado espírito de corpo e de identificação com o Projecto por parte de docentes e de alunos;

- A preocupação da Escola em constituir-se como escola inclusiva, em termos sociais, culturais e de intervenção junto de alunos com necessidades educativas especiais;
- A diversidade de modos de actividade (trabalho individual, em pequeno grupo, participação em actividades colectivas, ensino mútuo e ensino directo) pedagógica;
- A adequada articulação entre objectivos e actividades correspondentes às diversas áreas curriculares;
- A ligação entre a escola e a família, implicando a participação activa desta na aprendizagem dos alunos;
- A qualidade dos materiais de aprendizagem, nomeadamente do equipamento informático (hardware e software).

Pontos fracos:

- O número excessivo de alunos para a dimensão das instalações;
- A inadequação e insuficiência das instalações, principalmente a ausência de um ginásio e de laboratórios para permitir um ensino experimental;
- A ausência de um Serviço de Psicologia e de Orientação, para intervir em situações de apoio a crianças com necessidades educativas especiais ou com problemas de natureza emocional;

No termo dos seus trabalhos, e antes de apresentar as conclusões e recomendações que lhe foram solicitadas, a CAE considera que o País carece de realizações e de cidadãos empenhados, responsáveis, conscientes dos objectivos a atingir e capazes de reflectirem sobre a sua actuação, procedendo à análise dos pontos fortes e fracos das iniciativas que puseram em marcha.

Neste sentido, é desejável a existência e o desenvolvimento de projectos organizados, fundamentados, designadamente no domínio educativo, que revelem possuir viabilidade visível e concretizada, e que sejam objecto de acompanhamento por instância adequada, como, por exemplo, um Observatório da Educação.

A CAE foi confrontada, no caso da EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos, com um exemplo, não de um mero projecto ou plano eventualmente virtual, mas com um projecto-acção e avaliação da acção, com objectivos e elementos constitutivos bem definidos e apoiados.

Não se está perante uma teoria construída, apenas, na prática, mas antes, diante de uma prática baseada em princípios metodológicos democráticos, colaborativos, reflectidos e sistematicamente testados e revistos, que radicam, entre outros, no pensamento de Dewey, Freinet e Paulo Freire e nos Movimentos da Escola Moderna e da Escola Nova.

As filosofias da educação, consideradas em si mesmas, podem não ser certas ou erradas. A análise, e o maniqueísmo da mesma decorrente, depende dos referenciais de quem observa e das suas traduções manifestas ou repercussões visíveis, e mesmo estas avaliadas com base em critérios eles próprios contaminados pelos referenciais adoptados.

Procurando, no entanto, proceder a um juízo avaliativo objectivo e fundamentado, a CAE considera que:

1. A utilidade social e o sucesso da EBI das Aves/ S. Tomé de Negrelos podem ser facilmente constatados e/ou confirmados, não só pelos processos utilizados (cf. os capítulos 1 e 2), mas também pelos resultados obtidos (cf. o capítulo 4) que o Relatório regista;
2. Realiza-se nesta Escola, para além de uma integração curricular, a necessária integração de professores e educadores, que inclui a aceitação e a prática de uma pluridocência, de base disciplinar, que constitui um desafio para construir a unidade de docência no ensino básico;
3. Existe grande coerência entre o discurso e as práticas e os comportamentos observados, o que permite a validação do Projecto. As práticas são adequadas e válidas, apoiadas e reguladas em orientações epistemológicas ecológicas e relacionais, de forma consciente e auto-regulada, com processos e produtos perfeitamente de acordo com o que é preconizado e previsto, quer na legislação em vigor, quer nas orientações curriculares, quer, noutro plano, nas teorias da aprendizagem e de ensino mais representativas;
4. O processo de alargamento ao 2º Ciclo do Ensino Básico do Projecto “Fazer a Ponte” no quadro da EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos constituiu uma forma de integração no núcleo original do Ensino Básico (o 1º Ciclo), do 2º e, eventualmente, do 3ºCiclo na EBI, e não o inverso, o que permite superar o paradoxo que este processo pode representar;

5- Existe um distanciamento com um sector da população local e com as escolas do Agrupamento Horizontal das Aves, gerador de uma situação de impasse institucional e administrativo referenciado na Informação/ Proposta nº1/DRN HR/ 2002, que deverá ser ultrapassado.

6. Não há, pois, razões científicas ou pedagógicas que impeçam a continuidade do Projecto “Fazer a Ponte” e/ou a sua extensão ao 3º Ciclo de Ensino Básico. Poderão existir, sim, razões logísticas e/ou de política educativa.

Tendo em conta a análise feita, o levantamento dos pontos fortes e fracos do projecto, assim como as Conclusões apresentadas, a CAE formula a S. Ex.^a a Secretária de Estado da Educação as seguintes recomendações:

1. Apoio à continuidade do Projecto ao nível do 1º e do 2º Ciclos do Ensino Básico;
2. Possibilidade de garantir o funcionamento do 3º Ciclo dentro do principio de coerência e sequencialidade entre os três Ciclos do Ensino Básico correspondente à organização curricular deste nível de ensino;
3. Necessidade, no caso de ser aprovado o alargamento do projecto ao 3º Ciclo, de dotar a EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos de instalações amplas, funcionais, com equipamento laboratorial que permita a realização de aprendizagens experimentais.
4. Indispensabilidade de dotar a EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos de um Serviço de Psicologia e Orientação com as atribuições estabelecidas no Decreto-Lei nº 190/91, de 17 de Maio;
5. Em função da especificidade do Projecto, máxima conveniência na celebração, prevista no Decreto-Lei nº 115-N; 98, de 4 de Maio, de um contrato de autonomia com a EBI das Aves/ S. Tomé de Negrelos;
6. Indispensabilidade de um acompanhamento e monitorização do Projecto “Fazer a Ponte”, que permita, de forma rigorosa e objectiva, proceder à respectiva auto-regulação.

Coimbra, 2003.06.20

A Comissão de Avaliação Externa do Projecto Fazer a Ponte

(Nicolau de Almeida Vasconcelos Raposo)

(Maria da Graça Amaro Bidarra)

(Ana Paula Couceiro Figueira)

Referências Bibliográficas

- Araújo, D. (1999). *Encontro entre margens - um olhar sobre uma escola na sua relação com a comunidade*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação apresentada à FPCE - UP.
- Beane, J. (2002). *Integração curricular: A concepção do núcleo de educação democrática*. Lisboa: Didáctica Editora.
- Cochito, I. (1999). *Representações e práticas de autonomia e cooperação na sala de aula: Um estudo de professores e alunos do 1º ciclo*. Tese de Mestrado em Educação Intercultural. Lisboa: Universidade Católica.
- Cortês, L" & Stoer, S. (1996). *A interculturalidade e a educação escolar: dispositivos pedagógicos e a construção de ponte entre culturas*. *Inovação*, 9 (1 e 2).
- Costa, J. A. (1996). *Imagens organizacionais da escola*. Porto: Edições Asa.
- Delors, J. et al. (1996). *Educação: um tesouro à descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. Porto: Edições ASA.
- Direcção Regional de Educação do Norte (DREN), INF. N°1/MEM/2002 (*Documento policopiado*)
- Direcção Regional de Educação do Norte (DREN), Informação/Proposta N°1/DRA/HR/2002 (*Documento policopiado*)
- Eraut, M. (1987). Inservice teacher education. In M. J. Dunkin (Ed.), *The international encyclopedia of teaching and teacher education* (pp. 730-743). Oxford: Pergamon Press.
- Escola Básica do 1º Ciclo da Ponte (2001). *Fazer a Ponte, 1976/2001 - 25 anos de Projecto e de projectos* (trabalho não publicado).
- Feiman Nemser, S., & Floden, R. (.1986). The cultures of teaching. In M. C. Wittrock (Ed.), *Handbook of research on teaching* (pp. 505-526). New York: MacMillan.
- Hargreaves, A. (1994). Realities of teaching. T. Husén, & T. N. Postlethwaite (Eds.), *The international encyclopedia of education* (2nd ed., Vol.10, pp. 6208-6215). Oxford: Pergamon.

Huberman, M. (1989). Les phases de la carrière enseignante: un essai de description et de prévision. *Revue Française de Pédagogie*, 86,5-16.

Ministério da Educação (2000). *Relatório Nacional [das] Provas de Aferição do Ensino Básico - 4º ano*. Ministério da Educação/Departamento da Educação Básica.

Ministério da Educação (2001). *Relatório Nacional [das] Provas de Aferição do Ensino Básico - 4º e 6º anos*. Ministério da Educação/Departamento da Educação Básica.

Pires, E. L. (1993). *Escolas Básicas Integradas como centros locais de educação básica*. Oeiras: Celta Editora.

Ruíz, J. M. (1996). *Teoría del currículum: Diseño y desarrollo curricular*. Madrid: Editorial Universitas.

Weiss, C. H. (1998). *Evaluation* (2nd ed.). NJ: Prentice Hall.

ANEXOS

Anexo 1

Relação dos alunos matriculados no ano lectivo de 2002/2003, no 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico da EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos e das habilitações académicas e profissões aos respectivos encarregados de educação

Fonte: CI da EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos

Nota: estes dados encontram-se no relatório original. Contudo, tendo em conta que se referem a dados pessoais não são aqui reproduzidos.

O resumo dos mesmos encontra-se no corpo do relatório.

Anexo 2

Dados do pessoal docente da EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos (ano lectivo de 2002/2003)

Fonte: CI da EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos

Nota: estes dados encontram-se no relatório original. Contudo, tendo em conta que se referem a dados pessoais não são aqui reproduzidos.

O resumo dos mesmos encontra-se no corpo do relatório.

Anexo 3

Comparação entre os resultados obtidos pelos alunos da Escola da Ponte nº01 (actual EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos) nas provas de aferição do Ensino Básico -2000- de Língua Portuguesa e de Matemática e os resultados obtidos pelos alunos ao nível regional e ao nível nacional

Quadro 5 – Resultados obtidos pelos alunos (N=22) da Escola EB1 da Ponte nas provas de aferição – Língua Portuguesa (2000)

1ª Parte – Compreensão da Leitura

Nº do Item	Cotação	% EB1 da Ponte	% Ao Nível Regional	% Ao Nível Nacional
1	0	0	2	1
	1	9	64	67
	2	91	35	32
2	0	0	2	3
	3	100	98	97
3	0	9	13	15
	2	23	53	52
	3	68	34	34
4	0	27	26	29
	3	73	74	71
5	0	0	1	1
	1	0	1	1
	2	0	3	3
	3	14	23	26
	4	86	72	69
6	0	0	3	4
	2	100	97	96
7	0	5	10	11
	3	95	90	89
8	0	5	15	17
	1	5	22	24
	2	9	14	12
	3	77	33	31
	4	5	16	16
9	0	55	51	52
	3	23	45	45
	4	23	3	3
10	0	9	52	54
	2	5	2	2
	4	86	46	44
11	0	73	47	46
	4	27	53	54
12	0	14	33	36
	4	86	67	64

Quadro 6 – Resultados obtidos pelos alunos (N=22) da Escola EB1 da Ponte nas provas de aferição – Língua Portuguesa (2000)

1ª Parte – Funcionamento da Leitura

Nº do Item	Cotação	% EB1 da Ponte	% Ao Nível Regional	% Ao Nível Nacional
1	0	36	26	29
	1	64	74	71
2	0,0	0	3	3
	1,0	27	2	2
	1,5	18	14	17
	2,0	55	81	77
3	0	9	10	11
	2	91	90	89
4	0	14	15	18
	2	86	85	82
5	0,0	0	6	6
	0,5	0	1	1
	1,0	0	2	3
	1,5	0	3	4
	2,0	18	27	30
	2,5	50	37	35
6	0	9	16	17
	1	91	84	83
7	0	5	9	11
	2	95	91	89

Fonte: Ministério da Educação/Departamento da Educação Básica

Quadro 7 – Resultados obtidos pelos alunos (N=22) da Escola EB1 da Ponte nas provas de aferição – Língua Portuguesa (2000)

2ª Parte – Produção Escrita

	% EB1 da Ponte	% Ao Nível Regional	% Ao Nível Nacional
Item A			
Sub-item			
A-1	47	80	78
A-2	47	75	78
A-3	61	79	79
A-4	61	79	80
A-5	86	83	83
Item B			
Sub-item			
B-1	36	73	75
B-2	24	50	58
B-3	16	59	62
B-4	34	54	63
B-5	43	67	42
B-6	32	48	55
B-7	57	70	73
B-8	59	60	62
Item C*			
Cotação			
0,0	14	13	16
0,5	0	2	2
1,0	14	4	5
1,5	0	3	4
2,0	18	9	7
2,5	9	7	7
3,0	18	14	11
3,5	9	10	10
4,0	5	16	15
4,5	0	10	11
5,0	14	13	11

* Não é desdobrado em sub-itens. A cotação é atribuída em função do maior ou menor grau de respeito pelas regras de ortografia, sendo utilizada a fórmula $5-(0,5 \times n)$, sendo n o número de erros cometidos.

Fonte: Ministério da Educação / Departamento da Educação Básica, Relatório Nacional [das] Provas de Aferição do Ensino Básico – 4º ano (2000), Ministério da Educação/Departamento da Educação Básica.

Quadro 8 – Resultados obtidos pelos alunos (N=21) da Escola EB1 da Ponte nas provas de aferição em Matemática (2000)

Nº do Item	Cotação	% EB1 da Ponte	% Ao Nível Regional	% Ao Nível Nacional
1	0	19	36	38
	1	81	64	62
2	0	10	38	41
	1	5	27	28
	2	0	2	2
	3	86	33	30
3.1	0	0	8	8
	1	100	92	92
3.2	0	0	19	21
	1	100	81	79
3.3	0	14	50	51
	1	0	3	3
	2	0	1	1
	3	0	2	1
	4	86	43	44
4	0	10	20	20
	1	10	18	20
	2	81	62	60
5	0	0	12	12
	1	5	31	30
	2	95	40	40
	3	0	17	17
6	0	5	38	36
	1	0	20	23
	2	5	2	1
	3	0	4	4
	4	0	3	3
	5	90	33	33
7	0	14	31	32
	1	0	1	2
	2	0	3	3
	3	0	7	7
	4	86	58	56
8 B	0	14	51	52
	1	0	11	10
	2	86	38	38
8 C	0	5	36	37
	1	0	13	13
	2	95	50	51
9	0	5	40	38
	1	0	5	6
	2	5	3	5
	3	90	29	26
	4	0	22	25

Quadro 8 – Resultados obtidos pelos alunos (N=21) da Escola EB1 da Ponte nas provas de aferição em Matemática (2000) (cont.)

Nº do Item	Cotação	% EB1 da Ponte	% Ao Nível Regional	% Ao Nível Nacional
10	0	10	37	40
	1	0	5	5
	2	5	9	9
	3	0	6	6
	4	38	11	10
	5	48	31	30
11	0	0	20	21
	1	0	2	2
	2	10	12	11
	3	90	67	66
12	0	5	6	7
	1	95	94	93
13	0	10	40	41
	1	0	15	16
	2	0	2	1
	3	0	3	3
	4	24	3	3
	5	67	37	37
14	0	0	37	35
	1	100	63	65
15	0	5	30	34
	1	5	14	15
	2	48	29	27
	3	10	8	7
	4	33	19	17
16	0	5	15	18
	1	0	4	5
	2	57	28	27
	3	38	53	50
17	0	19	48	49
	1	0	6	6
	2	10	4	4
	3	0	4	4
	4	71	38	37
18	0	0	24	25
	1	100	76	75
19	0	19	48	50
	1	0	5	6
	2	81	46	44
20	0	19	33	34
	1	0	1	1
	2	81	66	64
21	0	19	19	18
	1	0	1	1
	2	0	3	3
	3	81	77	78

Quadro 8 – Resultados obtidos pelos alunos (N=21) da Escola EB1 da Ponte nas provas de aferição em Matemática (2000) (cont.)

Nº do Item	Cotação	% EB1 da Ponte	% Ao Nível Regional	% Ao Nível Nacional
22	0	24	46	46
	1	10	24	24
	2	14	10	11
	3	14	2	1
	4	14	7	8
	5	24	11	10

Fonte: Ministério da Educação/Departamento da Educação Básica

Anexo 4

Comparação entre os resultados obtidos pelos alunos da Escola da Ponte nº1 (actual EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos) nas provas de aferição do Ensino Básico -2001- de Língua Portuguesa e de Matemática e os resultados obtidos pelos alunos ao nível regional e ao nível nacional

Quadro 9 – Resultados obtidos pelos alunos (N=25) da Escola EB1 da Ponte nas provas de aferição em Língua Portuguesa (2001)

1ª Parte – Compreensão da Leitura

Nº do Item	Código *	% da Eb1 da Ponte	% Ao Nível Regional	% Ao Nível Nacional
1	NR	0	0	0
	0	4	15	17
	1	96	85	83
2	NR	0	0	0
	0	0	3	3
	1	4	3	4
3	NR	0	0	0
	0	0	4	4
	1	100	96	96
4	NR	0	1	0
	0	0	20	22
	1	100	80	77
5	NR	0	0	0
	0	0	8	10
	1	100	91	90
6	NR	0	0	0
	0	8	6	7
	1	16	22	24
7	NR	0	2	2
	0	0	12	14
	1	100	86	85
8	NR	0	0	0
	0	0	5	6
	1	100	94	93
9	NR	0	6	6
	0	24	42	48
	1	8	7	7
10	NR	0	1	1
	0	24	23	26
	1	4	5	6
11	NR	0	1	1
	0	16	14	16
	1	20	19	17
12	NR	0	1	1
	0	4	21	24
	1	96	79	75
13	NR	0	5	6
	0	52	34	37
	1	48	61	57

*Diferentemente do que ocorrera no apuramento das provas de aferição de 2000, o campo *cotação* foi substituído, nas de 2001, pelo campo *código*, segundo nos parece evidente, para incluir a percentagem de ausência de respostas (NR).

Quadro 10 – Resultados obtidos pelos alunos (N=25) da Escola EB1 da Ponte nas provas de aferição em Língua Portuguesa (2001)

1ª Parte – Funcionamento da Língua

Nº do Item	Código	% da Eb1 da Ponte	% Ao Nível Regional	% Ao Nível Nacional
1	NR	0	1	1
	0	12	25	28
	1	88	74	71
2	NR	0	1	1
	0	12	39	41
	1	88	60	58
3	NR	0	1	1
	0	0	6	8
	1	4	2	2
	2	8	10	16
4	NR	4	2	2
	0	12	41	45
	1	84	57	53
	3	88	81	74
5	NR	0	1	1
	0	4	10	13
	1	96	89	85
6	NR	0	1	1
	0	0	12	14
	1	100	87	85
7	NR	0	2	2
	0	0	10	10
	1	100	89	88
8	NR	0	3	3
	0	12	7	9
	1	12	17	21
9	NR	0	2	2
	0	0	4	5
	1	100	94	93
10	NR	0	5	6
	0	0	19	22
	1	100	75	72
11	NR	0	5	6
	0	4	31	37
	1	20	24	23
	2	76	40	34

Fonte: Ministério da Educação/Departamento da Educação Básica

Quadro 11 – Resultados obtidos pelos alunos (N=25) da Escola EB1 da Ponte nas provas de aferição em Língua Portuguesa (2001)

2ª Parte – Produção Escrita

Nº do Item	Código	% da Eb1 da Ponte	% Ao Nível Regional	% Ao Nível Nacional
1.1	NR	0	0	0
	0	0	2	3
	1	0	4	7
	2	0	20	23
	3	32	36	34
	4	68	39	32
1.2	NR	0	0	0
	0	0	0	0
	1	0	0	0
	2	0	1	1
	3	0	4	4
	4	100	94	94
2	NR	0	0	0
	0	0	2	3
	1	0	5	7
	2	0	25	26
	3	40	37	37
	4	60	31	27
3	NR	0	0	0
	0	0	2	3
	1	0	6	8
	2	0	28	31
	3	36	36	35
	4	64	28	23
4	NR	0	0	0
	0	0	2	3
	1	0	7	9
	2	0	30	31
	3	48	37	36
	4	52	24	20
5.1	NR	0	0	0
	0	0	3	5
	1	0	9	11
	2	16	27	31
	3	20	34	33
	4	64	27	21
5.2	NR	0	0	0
	0	0	4	5
	1	0	8	11
	2	0	22	23
	3	24	33	32
	4	76	33	28

Fonte: Ministério da Educação/Departamento da Educação Básica

Quadro 12 – Resultados obtidos pelos alunos (N=25) da Escola EB1 da Ponte nas provas de aferição em Matemática (2001)

Nº do Item	Código	% da Eb1 da Ponte	% Ao Nível Regional	% Ao Nível Nacional
1	NR	0	0	0
	0	0	18	21
	1	100	82	78
2	NR	0	1	1
	0	0	6	6
	1	12	34	37
	2	88	59	57
3.1	NR	0	0	1
	0	0	3	4
	1	100	97	95
3.2	NR	0	1	1
	0	0	27	30
	1	0	2	1
	2	8	15	13
	3	92	56	54
3.3	NR	0	5	6
	0	4	34	39
	1	4	11	10
	2	4	4	4
	3	4	10	9
	4	84	35	32
4	NR	0	1	1
	0	0	10	12
	1	0	5	5
	2	4	16	17
	3	96	68	65
5	NR	0	1	1
	0	0	49	50
	1	0	2	2
	2	100	48	47
6	NR	0	2	2
	0	0	9	9
	1	4	28	30
	2	4	16	18
	3	84	29	28
	4	8	15	13
7 FIG.2	NR	0	1	1
	0	0	11	12
	1	100	89	87

Quadro 12 – Resultados obtidos pelos alunos (N=25) da Escola EB1 da Ponte nas provas de aferição em Matemática (2001) (cont.)

Nº do Item	Código	% da Eb1 da Ponte	% Ao Nível Regional	% Ao Nível Nacional
7 FIG.3	NR	0	1	1
	0	0	29	31
	1	100	69	67
8	NR	4	2	3
	0	4	42	46
	1	12	11	11
	2	0	3	2
	3	4	9	8
	4	20	5	4
9	NR	0	0	1
	0	0	19	21
	1	100	80	79
10	NR	0	1	1
	0	0	48	49
	1	0	7	7
	2	0	1	1
	3	0	1	1
11	NR	0	0	0
	0	0	6	6
	1	0	22	21
	2	0	8	8
12	NR	0	0	0
	0	8	20	23
	1	0	2	2
	2	0	1	1
	3	92	77	74
13	NR	0	3	4
	0	16	58	60
	1	4	4	4
	2	8	6	5
	3	0	2	1
	4	72	26	25

Fonte: Ministério da Educação/Departamento da Educação Básica

Anexo 5

Análise estatística do percurso escolar dos alunos da EB1 da Ponte nº1 (actual EBI das Aves/S. Tomé de Negrelos), no período correspondente a 1991-2001

Quadro 13 – Percurso Escolar dos alunos da EB1 da Ponte nº1, no período correspondente a 1991-2001 (5º ano de escolaridade)

Fonte: INF. Nº1/MEM/2002 (DREN)

RESUMO 5º ano								
Notas	Total de alunos		%		Ponte		%	
	Português	Matemática	Português	Matemática	Português	Matemática	Português	Matemática
1	1	12	0,06	0,78	0	0	0,00	0,00
2	305	540	19,81	29,20	29	40	16,38	22,60
3	863	740	56,04	48,02	104	94	58,76	53,11
4	289	240	18,77	15,57	33	25	18,64	14,12
5	82	99	5,32	6,42	11	18	6,21	10,17
Total	1540	1541	100,00	100,00	177	177	100,00	100,00
Total de alunos				Alunos da Ponte				
Transitados	Retidos	Abandono	Total	Transitados	Retidos	Abandono	Total	
1641	173	46	1860	171	9	6	186	
88,23	9,30	2,47	100,00	91,94	4,84	3,23	100,00	

Quadro 14 – Percurso Escolar dos alunos da EB1 da Ponte nº 1, no período correspondente a 1991-2001 (6º ano de escolaridade)
 Fonte: INF. Nº 1/MEM/2002 (DREN)

RESUMO 5º ano								
Notas	Total de alunos		%		Ponte		%	
	Português	Matemática	Português	Matemática	Português	Matemática	Português	Matemática
1	5	5	0,31	0,31	0	0	0,00	0,00
2	326	573	20,31	35,70	19	45	11,80	27,95
3	942	710	58,69	44,24	99	74	61,49	45,96
4	255	220	15,89	13,71	27	24	16,77	14,91
5	77	97	4,80	6,04	16	18	9,94	11,18
Total	1605	1605	100,00	100,00	161	161	100,00	100,00
Total de alunos				Alunos da Ponte				
Transitados	Retidos	Abandono	Total	Transitados	Retidos	Abandono	Total	
1447	191	28	1666	151	11	3	165	
86,85	11,46	1,68	100,00	91,52	6,67	1,82	100,00	

